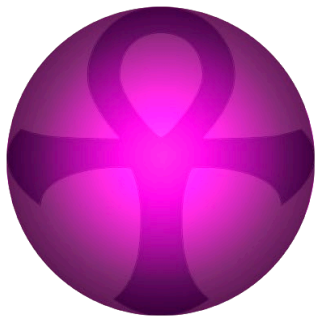


**Nos porões das palavras**



# SÉRIE NOVOS ESTUDOS AFRICANOS

## **Diretores da série:**

Prof. Dr. Bas´Ilele Malomalo (UNILAB)  
Prof. Dr. Mbuyi Kabunda Badi (FCA/UAM - Espanha)

## **Comitê Editorial Científico:**

Prof. Dr. Acácio Almeida Santos (UFABC)  
Prof. Dr. Alfa Oumar Diallo (UFGD)  
Prof. Dr. Aghi Bahi (UFHB-Costa de Marfim)  
Prof. Dr. Dagoberto José Fonseca (UNESP)  
Profa. Dra. Denise Dias Barros (USP)  
Profa. Dra. Fábria Barbosa Ribeiro (UNILAB)  
Prof. Dr. Manual Jauará (UNIFal-MG)  
Prof. Dr. Franck Ribard (UFC)  
Prof. Dr. Germain Ngoie Tshibambe (UNILU-RDCongo)  
Prof. Dr. Henrique Cunha Junior (UFC)  
Prof. Dr. Hippolyte Brice Sogbossi (UFS)  
Profa. Dra. Lorena Souza (UFMT)  
Prof. Dr. Kalwanga Kya Kapintango-a Samba (UNEMAT-Brasil)  
Profa. Dra. Maffia Marta Mercedes (UNLP-Argentina)  
Prof. Dr. Maguemati Wagbou (UNC-Colombia)  
Prof. Dr. Pedro Acosta-Leyva (UNILAB)  
Prof. Dr. Salloma Jovino Salomão (FSA)  
Prof. Dr. Sérgio Luís Souza (UNIR)

# Nos porões das palavras

Primeiro Tcholona di Tambur

Firkidja di no Kampada (Org.)



**Diagramação:** Marcelo A. S. Alves

**Capa:** Carole Kümmecke - <https://www.behance.net/CaroleKummecke>

**O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.**



Todos os livros publicados pela Editora Fi estão sob os direitos da [Creative Commons 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR) [https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt\\_BR](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR)



<http://www.abecbrasil.org.br>

Série Estudos Africanos - 11

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

Firkidja di no Kampada (Org.)

Nos porões das palavras: Primeiro Tcholona di Tambur [recurso eletrônico] / Firkidja di no Kampada (Org.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2019.

145 p.

ISBN - 978-85-5696-596-7

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. África; 2. Cultura; 3. Poema; 4. Poesia; 5. Literatura; I. Título II. Série

CDD: 896

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura africana

896

Onde tem Firkidja tem poesia  
Onde tem Firkidja tem alegria  
De nossa kampada para o mundo...

Palavras bem tecidas são difíceis de serem esquecidas.



## Agradecimentos

Como os habitus são fortemente associados à cultura de qualquer povo no mundo cujo o seu etos, ontologicamente, é diverso e que se configura, filosoficamente, de acordo com a própria cosmovisão da qual orienta as relações sociais e culturais de uma dada nação em que o seu passado pode ser filmado com as câmeras da literatura e ser arquivado na memória tanto dos velhos como também dos mais novos.

Sendo estes últimos, aqueles que poderiam olhar a riqueza que tal passado apresenta em forma da energia que lhes simboliza histórias de lutas a serem ainda desencadeadas pelos mais novos. É nesta tônica que orgulhamos do nosso passado literário, dos *balentes*, *fidjus de djagras e djakakas* (homens e mulheres resistentes) que hoje sentimos a responsabilidade de dar a continuidade com a obra que nos incumbiram enquanto seus sucessores literários.

Desta forma, praz-nos dizer que os nossos primeiros agradecimentos são profundamente direcionados aos nossos heróis literários que iniciaram, com o espírito da *guineendade*, a construir a riquíssima literatura guineense. Isso implica dizer que esta obra se caracteriza pela ação de *djuntamon*, começado dentro do grupo *firkidja di no kampada* até adquirir outras análises importantes no campo literário que para nós seria injusto não agradecermos à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) da qual foi o palco da inspiração do grupo. Igualmente, agradecemos ao programa Vozes de D'África e a sua equipe em especial a coordenadora profa. Dr.<sup>a</sup> Artemisa Odila Candé Monteiro e Professor Dr. Ricardo Ossago De Carvalho Junior.

Em seguida, agradecemos ao Professor Dr. Lourenço Ocuni Cá, Prof. Dr. Ricardino Jacinto Dumas Teixeira, Editora Série Novos Estudos Africanos e particularmente ao prof. Dr. Bas'lele Malomalo. Enfim, agradecemos ao Farã Vaz, estudante de mestrado na UNILAB, e à Associação de Estudantes Guineenses na UNILAB (AEGU), de mesmo

modo, estendemos os nossos agradecimentos às outras entidades que de certa forma, direta ou indiretamente, ajudaram na edificação do grupo e na realização desta obra “***Família Unilabiana***”.



# Sumário

<b>Prefácio .....</b>	<b>13</b>
Ricardino Jacinto Dumas Teixeira	
<b>Apresentação .....</b>	<b>20</b>
Bas´Ilele Malomalo	
<b>Introdução .....</b>	<b>21</b>
Esperança .....	26
Amor .....	38
Valor da mãe: Cotidiano de mulher guineense, exaltação da mulher .....	50
Saudades.....	63
Crítica social, crítica política e crítica colonial.....	67
Miskinhu “lamento” .....	75
Afirmação identitária “negritude” .....	89
Exortação.....	100
Sonho.....	106
Dispídida “despedida” .....	110
Canto à Guiné-Bissau, à Guineendade e ao povo guineense .....	112
Unilab.....	120
Liberdade.....	124
Canto à terra e ao poder sobrenatural .....	126
Um instrumento poderoso .....	129
Complexidade do “eu” .....	133
Ilusão.....	136
Gratidão.....	138
<b>Bibliografia dos/as autores/as .....</b>	<b>140</b>



## Prefácio

*Ricardino Jacinto Dumas Teixeira*<sup>1</sup>

Contextualmente, toda obra literária faz parte de uma trajetória do vivido, de experiências e ambivalências sociais, culturais e políticos aos quais a própria obra e o poeta estão intimamente inseridos e historicamente relacionados. Para contextualizar “Nos Porões das Palavras”, que reúne uma coletânea de djuntamon de poemas originais, é preciso registrar a presença de movimentos literários e organizações da cultura, assinalando a atuação política de intelectuais e artistas que desde a segunda metade do século XX trazem ao público, numa literatura ainda em construção e variada, a afirmação dos valores culturais do povo guineense ao lado de críticas de cunho político social.

A década de 1900 inaugura o início da história da literatura guineense. É a data em que Marcelino Marques de Barros, escritor, precursor da literatura guineense (que adquiriu os padrões da língua, da religião e da cultura portuguesa), inicia, no contexto de sistema colonial português, suas reflexões literárias, esboçadas pelo autor em seu livro “A literatura dos Negros”, de 1900, como manifestação de contestação da imagem “extrovertida” que a política assimilacionista e colonialista nos legou da dita “Guiné Portuguesa”, isolada, exótica e inexistente como fato histórico, antes da presença dos europeus. Essa visão lusocêntrica

---

<sup>1</sup> Docente da UNILAB e pesquisador junto ao Council for the Development of Social Science Research in Africa (CODESRIA), em Dacar; ao Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas, na Guiné-Bissau (INEP); ao Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto (CEAUP), em Portugal. É autor do livro ‘Sociedade Civil e Democratização na Guiné-Bissau’ (Editra UFPE, 2010) e ‘Cabo Verde e Guiné-Bissau: as relações entre a sociedade civil e o estado’ (Editora UFPE, 2015). Atualmente, é coordenador do ‘Seminário de Sociologia Africana e do ‘Observatório de Estudos da Democracia Guiné-Bissau, Brasil e Cabo Verde’, tema de sua tese de doutorado e sobre a qual possui artigos publicados sobre a democracia.

estabeleceu fronteiras entre “civilizados” e “indígenas” e tentou ocultar as dinâmicas internas da sociedade guineense, anteriores a essa chegada.

As contribuições literárias do guineense Marcelino Marques de Barros marcaram profundamente as mudanças e o desenvolvimento posteriores que literatura guineense passou a ganhar. Não obstante, apesar do forte conteúdo crítico literário de Marcelino, no contexto em que sua literatura tomou corpo, apenas 1% de toda população da atual Guiné-Bissau podia vangloriar-se de possuir alguma educação elementar e só 0,3% tinham alcançado a situação de assimilado e podiam esperar ir um pouco mais além. Havia apenas uma escola secundária oficial, mas cerca de 60% dos seus alunos eram europeus.

Não existia qualquer educação superior. Até 1960, apenas 11 africanos da Guiné colonial haviam atingido uma licenciatura – e todos como “portugueses assimilados” em Portugal, em oposição a população “indígena”, os grupos étnicos. Apoiada pelas missões católicas, a educação colonial, quer dos “civilizados”, quer dos “gentios”, tinha como objetivo expandir um reservatório de colaboradores nacionais capazes, com um mínimo de educação e conhecimento, manter intactos os interesses colonialistas na atual Guiné-Bissau.

A hierarquização étnico-racial era muito mais visível entre a população indígena, grupos étnicos, quando comparado aos “privilégios” educacionais dos grupos “civilizados”. Nessa política de dominação, algumas etnias, ao serem submetidas aos interesses colonialistas, foram escolarizadas para facilitar certas tarefas administrativas, enquanto outras foram excluídas ou renunciaram à escolarização colonial de seus membros e, por consequente, viam a etnia escolarizada como estando a serviço dos interesses coloniais.

Nos Boletins Oficiais, fonte da historiografia colonial e editado entre os anos de 1870 e 1974, as resistências locais dos grupos étnicos (ou gentios) eram vistas como ausência de colonização e de evangelização dos indígenas.

Só em 1951, meio século depois, surge o primeiro poema registrado, na atual Guiné-Bissau, do escritor e político revolucionário guineense, de autoria de Vasco Cabral (1926-2005). Esse movimento inaugurado por Vasco Cabral, meio-irmão de Luís Cabral por parte materna, ganhou força, posteriormente, nos anos 1970, a partir da contribuição de jovens “poetas revolucionários”, que esboçaram, numa coletânea de textos engajados, seus sentimentos de “rebeldia” literária, social e política contra o regime colonial como forma de acudir os ideais do movimento nacional contra o colonialismo, bem como dos males por ele acarretado, colocando, em seu lugar, uma nova literatura que visasse reforçar e enaltecer a identidade nacional de uma “nação forjada na luta” para a formação de um “homem novo”, com plena consciência da ideologia do movimento revolucionário.

É com base nessa literatura, politicamente engajada, de mobilização vanguardista nacional-popular, que, nos anos 1960-1970, girou grande parte da produção literária guineense, no período pós independência. Nessas obras, os “poetas da revolução” voltaram à “origem” para interior daquilo que se convencionou chamar de guineendade, um movimento nacional de expressão cultural da identidade guineense com maior incidência entre os grupos falantes do *kriol*, como a segunda língua falada do país, depois das línguas étnicas, língua de comunicação especialmente entre os mais jovens dos grandes centros urbanos da atual Guiné-Bissau: Cacheu, Bissau, Bafata e Bolama.

Do ponto de vista analítico podemos considerar que um dos pontos significativos evidenciado em poemas na presente obra de “Firkidja di Nô Kampada” é a ressignificação das duas línguas: o *Kriol*, a língua local, de comunicação interétnica, de unidade nacional que serviu de base para a luta de libertação nacional, e o português, a língua oficial, herdada da pedagogia colonial assimilacionista, invasora, considerada língua oficial própria do país, que, no contexto colonial, fora propagada/imposta em nome do processo civilizador perpetuado pelos missionários na África, sobretudo, no âmbito conjuntural guineense.

Não obstante apropriações de duas línguas, no contexto pós colonial, novos sentidos linguísticos foram articulados, novos significados culturais e étnicos foram incorporados e redefinidos, dando vez e voz formas de enunciação poéticas, por vezes associadas, no âmbito estilístico de poemas, com sentimentos de desencantamento derivado do quadro atual sociopolítico do país, ao mesmo tempo em que incitam o renascimento da Mãe Guiné, “Firkidja”, que representa símbolo de uma mulher “prisoneira na sua própria casa”, mas também de uma mulher djakanka, corajosa, guerreira, menina que cresceu e virou mulher entre dois grande polões, entre vários polos, determinada a seguir seus desejos e suas liberdades. Mulher que, “mesmo sem braço”, aprendeu a voar sozinha, do rio corubal até as florestas de kassaka; aprendeu a ser mulher firkidja carregando a criatividade com ordidja (turbante de resistência da mulher guineense, africana e negra).

O contexto em que estes poemas tomam corpo é sociologicamente e esteticamente relevante, marcado pelo descaso com a coisa pública: de “candidatos sem caneta”, “sem folha”, “desnorteados”, “desconhecedores da língua e da cultura de tabanka” (aldeia). Nesse bojo crítico social, o caminho proposto é o “sonho”, a “crítica” e “autocrítica” (isto é, o questionamento) da razão de ser e de sentir poético sob as luzes do brilho híbrido dos olhos das Mães Bideiras, a essência, que combina a alegria e a tristeza, os sabores e os dessabores, a luta e a conquista, o sagrado e o romântico, da Mama, do chão e da nação.

A literatura poética de fidjus di bideras encontra em *kriol* e em português um jeito singular de expressar suas experiências vividas, liberdades, trajetórias, angústias, ambivalências, decepções, geradoras de traições e tensões, de forma particular e distinta, em que a herança étnica e a subjetividade poética são trazidas para o interior da língua do colonizador invasor para uma análise poética criadora da liberdade e da loucura, pois, enquanto poeta [da loucura], “já pensei em coisas pensáveis, mas não reveláveis. Já pensei em abraçar a [imagem da] negra nua [simbolizada em frente da [UNILAB] e andar pelado pela rua,

experimentar a verdadeira liberdade de externar o meu eu que o mundo nunca conheceu”. Este modo de conceber a loucura e a liberdade traz implicações não só para a compreensão daquilo que é “exorcizado” [celebração do poeta] como, também, a evidência da dificuldade de integração sociocultural que lhe impediria o exercício pleno da liberdade decorrente da natureza aprisionada e ambígua do eu lírico presentes em diversas poesias em Nos porões das palavras: Primeiro tcholona de tambur.

Por detrás dessa impossibilidade de exorcizar o sentido pleno da liberdade em decorrência do aprisionamento da palavra, aparentemente desalentador, esconde-se um otimismo resiliente de firkidjas da juventude, “refletindo, lendo, escrevendo” e procurando entender os clamores da Mama Guiné, “sacrificando para pensar melhor” e cultivando novas *kampadas* de possibilidades porque sabem, modestamente, que têm potenciais para fazer face aos novos desafios de transformações estruturais de sentimentos e práticas, cotidianamente, enquanto poeta e poetisa africano guineense [...] *tem ku pega tessu pa paga sikhon* (dar sua contribuição à terra), *pa firmanta* (edificar) seu torrão que se chama nação *mandjuandade, de djuntamon*, nos porões da palavra guineidade, porquanto, como disse um poeta, “Guiné Somos nós até depois da esperança”. Isso porque o poeta “kirsi” (cresceu), clama por *djutamon* (unidade na diversidade), sob toque de tambor anunciando novos *lante-ndans, binin-ndans* [valentes], *pa firkidjas di no Kampada pudi dado se balur, ki etem diritu* [para que a Guiné possa usufruir de seu devido valor histórico, a que tem direito sua gente, na Guiné e nas suas diásporas].

O conjunto de versos e poemas insere-se em um contexto distinto de constelação de sentimentos, por exemplo, o desejo atual do pluralismo de ideias e da democratização da sociedade para além de referências hegemônicas, de modo que a questão geracional (sobretudo a ideia da consagração social e política suprema dos mais velhos), começa a ser questionada, resignificada e readequada na atualidade como forma de tentar enfrentar os novos desafios, uma vez que a urgência de mudança

estrutural pressupõe a ampliação de espaços e a ressignificação da ideia de luta de libertação para a inclusão de outras “comunidades imaginadas” na nova nação emergente, em particular a juventude guineense, com a participação de todos guineenses, tanto no país quanto no exterior.

Os *fidjus* de *dibideras* fazem referência aos renomados líderes africanos, clamando figuras como Amílcar Cabral, Titina Silá, Carmem Preira, Nelson Mandela, Kwame Nkrumah, reimaginando um passado “renomado” que marcou o imaginário anticolonial “glorioso” da revolução, para logo em seguida questionarem: “onde está a África?” Para quando a África imaginada da musicalidade, de danças de tina, de mandjuandades literárias como “fator e fato de cultura”, termo cunhado por Amílcar Cabral. A ênfase cultural de mandjuandades aproxima-se à dos grupos de *axé*, de *candomblé*, que a “Bahia cante e encante na encruzilhada de sons de tambores” que expande e encanta a humanidade e a modernidade negra. Esse viés poético levaria não só ao questionamento do colonialismo, mas também a contestação da visão dominante e essencialista da cultura com alta cultura, daí a importância da diversidade cultural como expressões literárias e artísticas que caracterizam um conjunto de significados e sentimentos relacionais às características específicas da sociedade e da cultura vivida de mandjuandade e do *axé*, presentes na África e no Brasil, por exemplo, dentre outras culturas específicas presentes no mundo afora.

Das diversas formas de textos líricos, de pendor crítico ou estético, há aqueles que retratam as experiências pedagógicas enriquecedoras na diáspora e as contradições da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), atualmente com maior incidência de estudantes guineenses no exterior em nível de graduação e pós-graduação, paradoxalmente, fora das estruturas educacionais do país de origem de estudantes guineenses, atoras e atores de textos que resultaram nessa coletânea de poemas. É um contexto novo, diferente da época colonial e pós independência, em que o acesso ao ensino superior era (e ainda é) privilégio de uma elite letrada dominante e seus descendentes natos,



aprofundando, deste modo, o antigo dualismo educacional entre “civilizados” e “gentios” herdados do sistema de ensino colonial e aprofundado em outras formas no contexto pós independência até a atualidade, com a democratização em curso.

De forma sintética, os poemas celebram o amor, tanto do ponto de vista de relações efetivas com a terra, rios, florestas e famílias, quanto reveladora de “dispididas”, angústias, ambiguidades, trajetórias, tensões, conflitos, latentes e explícitos, “fofocas” etc. Juntam-se, nesse íntimo, sentimentos comuns e percursos particulares ambivalentes em cuja estampa coloca à disposição do público leitor uma abordagem poética rica retratada com a estética de *panu di pinti* e letras de cantigas-ditos de mandjuandades que preserva as especificidades identitárias e respeita a alteridade genuína em que se constituiu conexões África-Brasil através da presença viva de mulheres djakankas que reinventam-se as suas condições de produção poética, interpelações e manifestações de suas subjetividades artísticas do ato literário do sentir, do criar, do refletir e do pensar a literatura guineense.

## **Apresentação**

*Bas 'Ilele Malomalo*<sup>2</sup>

É com grande alegria e esperança que a Série Novos Estudos Africanos acolhe a publicação dessa coletânea de poema do Grupo de Poetas Guineenses que conta com uma boa parte de sua representação na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. Alegria porque com essa coletânea junto com o diretor da Editora Fi inauguramos a publicação de obras poéticas voltadas ao mundo africano e afrodiáspórico. Esperança porque são jovens que nos procuraram para concretizar o seu sonho que é o nosso.

A Série Novos Estudos Africanos, dentre outros de seus objetivos, busca tornar visível o pensamento negro que se expressa através de textos científicos, literários e artísticos. O livro **“Nos Porões das Palavras: Primeiro Tcholona di Tambur”** de Firkidja di ño Kampada (Alicerce da nossa geração) traz as reflexões e sensibilidades de jovens poetas e poetisas guineenses que giram em torno desses temas: esperança, amor, valor da mãe, cotidiano da mulher guineense, exaltação da mulher, saudades, crítica social, crítica política, crítica colonial, miskinhu “lamento”, negritude, exortação, sonho, dispidida “despedida”, canto à Guiné-Bissau e à guineendade, ao povo guineense, Unilab, liberdade, canto à terra e ao poder sobrenatural, um instrumento poderoso, complexidade do “eu”, ilusão e agradecimentos.

---

<sup>2</sup> Editor da Série Novos Estudos Africanos; Docente da UNILAB, Fundador do IDDAB

## Introdução

Associado ao espírito nacional que ao longo dos finais do século XX desenterrou-se dos subterrâneos da opressão colonial para se erguer e afirmar o aparato literário nacional com base nos valores culturais identitários do povo guineense. A coletânea *Nos Porões das Palavras: Primeiro Tcholona di Tambur* representa a continuidade desse vento que desde 1951 soprou-se com Vasco Cabral, Pascoal D´Artagnam Aurigemma, James Pinto Bull e atravessando Carlos Semedo e alcança a plenitude da geração de combate de José Carlos Schwarz, António Soares Lopes Júnior, Agnelo Augusto Regalla, Francisco Conduto de Pina, António Baticã Ferreira, Tavares Moreira, Armando Salvaterra ... nos anos 70, e que ainda segue o zigzaguar do destino do nosso povo que ora nostálgico, ora próspero.

Tal como foi no íngreme dos tempos demarcados com a escravização e a negação da Humanidade aos povos “periféricos”, os corações dos jovens nacionalistas e anticolonialistas ferveram-se na panela literária, nos espaços endógenos, de corpo e alma e com vozes firmes gritaram contra a exploração, violência, injustiça e abusos coloniais. Exigindo que a manta da liberdade e de humanismo encobre o seu povo subjugado à margem do direito a diferença e a diversidade cultural.

Nessa inércia aos incômodos insuflados pela aventura marítima europeia, escancare antologia poética *O Poilão* em 1973; *Mantêhas para quem luta* 1977; *Momentos primeiros da construção* 1978; *Antologia dos jovens poetas* 1978; *Os caminhos da revolução* 1979. E mais tarde, no galopar das crises germinadas nos efeitos amargos do movimento reajustador da década de 80 estamparam *Antologia poética da Guiné-Bissau* em 1990; *O eco do pranto* 1992. Nos degraus do final da primeira

década do século XXI, entre outras coletâneas, fixa-se a antologia poética de jovens guineenses, *Traços no Tempo* 2010.

Hoje nossos corações e espíritos atordoados do sofrimento do povo, que parece ser condenado eternamente ao calvário, exterioriza, sem aldrabar a esperança em cada cidadão, por meio desta antologia, tal como fez gerações anteriores, a sua indignação com tresloucadas instabilidades políticas que venenam a estabilidade econômica, social, roubando o pão e a alegria nas faces das crianças, jovens, mães, pais, ensuma, sociedade guineense.

Com forte dor no coração o poeta Mamadu Nanque lamenta: “*Ao acordar do sol, na lua/ silêncio estimula pela falsidade/Que explica por si as caras que/transformam no sentido verdadeiro/ [...] Sem voz para explicar crueldades (...)*”. Outro choro da dor vem do poeta Emilio Junior: “*Guiné-Bissau, o teu silêncio me dá fadiga, que os meus olhos se gritam da dor e a desgraça que tormenta os sofrimentos dos inocentes debaixo da vingança*”.

Não obstante, de forma alguma nos apetece balancearmo-nos, aqui, às outras publicações poéticas pretéritas, no entanto, a nós alegra contribuir na reflexão da nossa sociedade e, deste modo, nutrir a literatura editorial da Guiné-Bissau que as mazelas colônias, vistas não só na instalação tardia das infraestruturas escolares no país, mas também no estatuto do indigenato, tolheram a sua edificação e consolidação no momento oportuno.

Com todo amor, esclareça-se que jamais nos resume apenas nos agrestes comportamentos que insistem em embromar injustamente o progresso e fundar a nação cada vez mais nas águas do sofrimento infinito e subdesenvolvimento perpétuo, entretanto, as vivas identidades nacionais, a África, a união, e a determinação respiram sadiamente ***nos Porões das nossas Palavras neste primeiro Tcholona do nosso Tambur.***

A fertilidade e a força das nossas mães como podemos sentir o vibrar do lírico da Mariama Cassamá: “*Mãe/ Esse nome tão simples,/ Mas com*

*grande significado/ [...] sou uma pequena poetisa/Mas isso não me impediria de pegar numa caneta/ Explicando para o mundo/ Onde sai a energia que me alimenta (...);* o nacionalismo não escapa o eu poético do Jeremias Demba que canta: “A nossa terra a nossa *firkidja*/ Terra minha, Terra nossa,/Terra mãe, musa amorosa, linda/encantadora que transborda rosa! A guineendade é hasteada no drama de Eugênio Nunes Correia: “Guiné Somos nós até depois da esperança/ Mesmo que tarda a bonança/ Somos nós até que chegue, chegará/Até que a dor passe, passará (...).

Os véus da prosperidade, solidariedade e da igualdade nos encobrem nos sopros dos versos líricos do poeta Afonso José Mendes: “*Eu que sonho, nada será impossível para mim/ Eu corro atrás dos meus sonhos/ [...] corro atrás da Liberdade e da Prosperidade/ [...] atrás da Igualdade e da Solidariedade/ [...] Porque em uma vez, há mais de uma vez de tantos anos (...).*

As riquezas do continente mãe, berço da Humanidade, irrigam as emoções saltitantes da alegria e tristeza da caneta literária da poetisa Wilma João Nancassa Quadé que, neste ***Tcholona di Tambur***, reafirma a nossa ligação com o nosso habitat: “*África/ [...]Mar de melanina/ Gratidão da história esquecida/ Berço da Humanidade/ África de ouro, mina, marfim e diamante/ [...] Museu da Arte viva/ Reino da Sabedoria/ [...] Terra de culturas, de tradições e de línguas/ Eu sou a África (...).*

O segredo de amor lúcido descobrido num entre lugar de amar desenterra a esperança e gritos orgulhosos, iluminando a vida escura da lírica da poetisa Anilsa Lima Almeida “*Sabendo que o amor verdadeiro existe, quando te conheci/ Amando eternamente a tua tempestade de Amor/Incondicionalmente, arrancou o meu...naufregando/[...] Brilhando a vida escura é o teu...iluminou a minha caverna (...)*”.

A gratidão, a valorização cultural e entre outros valores constituem idiosincrasias que sustentam a sanidade dos líricos na *Tcholona di Tambur* nas danças de *Gumbé*, *Tina*, *Djambadon*, *Kusundé* da plêiade da ***Firkidja di nô Kampada***.

É com honra e imenso prazer que produzimos e costuramos diversas inquietações e sentimentos emocionantes, porém comprometidos com o bem estar social do nosso povo para apregoar o fruto da nossa grande cabaceira UNILAB que, no meio dos raios carbonizadores das esperanças dos jovens da Comunidade dos Países da Língua Portuguesa (CPLP), estendeu brisas das suas silhuetas e caldeou nostalgia com esperança para revitalizar a existência e a prosperidade em cada jovem beneficiário da solidariedade do Brasil com os povos africanos.

**Firkidja di nô Kampada** fecunda-se nesse regaço da fraternidade do povo brasileiro com Guiné-Bissau, por isso, expressa a sua gratidão à **Padida di dus mama** (mãe acolhedora), na voz do poeta Domingos Malú: *“Sou a Unilab/Mãe da diversidade cultural,/De mim se aumenta a consciência/ [...] Angola, Cabo-Verde, Guiné-Bissau, Moçambique,/ São Tomé, Timor, Brasil cadê Portugal?/ Vamos penetrar e criar força do destino/Que nos traz UNILAB.*

Nessa penetração da força torna possível introduzir, com paixão incomparável, esta coletânea que marca a primeira publicação do grupo Firkidja di nô Kampada semeada desde setembro de 2017, no solo brasileiro que distribui energia e humo ao nosso embundeiro, melhor cabaceira UNILAB.

Alastrando solidamente raízes das Firkidjas no subterrâneo, a princípio com estatura embrionária, a seiva percorreu rapidamente de caule aos ramos, alimentando os cloroplastos que dão a verde às folhas em forma de azas sombrias nas quais estende esta esteira estendida por 27 poetas e poetisas, convidando todos para comporem Kabaz da guineendade que se representa neste primeiro Tcholona di Tambur.

Caro leitor(a), aproveitamos explicar que, por esta obra se enfiar nos interstícios identitários da Guiné-Bissau, desfolhará versos tipicamente guineenses, imaginados e grifados no mundo linguístico deste povo, isto é, a língua crioula da Guiné-Bissau. Acreditamos que é compreensível aceitar que a literatura é a expressão dos valores culturais e identitários do povo em que se insere.

Nesta ótica, praz-nos escrever não apenas em língua portuguesa, porém, mais aliviados e fluentes nos ficarão bebendo no idioma que nasce com a nossa membrana plasmática cerebral desde incipiência da vida. Contudo, não para de circular na veia a consciência do reduzido número de consumidores da indústria literária no país, fato que evidencia a existência de um potencial enorme de leitores não guineenses não se reverem em certos poemas dentro do livro.

Entretanto, para não acamar você que talvez seja o leitor lusófono nos mesquinhos para eternidade, uma boa parte do livro está escrito na língua portuguesa. Assegure nossos braços para enfileirarmos neste círculo e dançarmos alegremente nos versos e nas estrofes de cada poeta e poetisa de ***Firkidja di nô Kampada, neste Porões das Palavras: Primeiro Tcholona di Tambur.***

**E s p e r a n ç a**



**“Guiné somos nós até depois da esperança”**

Mesmo que tarda a bonança  
Somos nós até que chegue, chegará  
Até que a dor passe, passará

Não vamos para Pasárgada  
Nem se formos coagidos  
Mesmo que as dores viram escombros  
Se for, apoiemos uns nos ombros  
E reerguer de novo  
De novo, de novo, de novo...

Aprovemos o teu dessabor  
Fugiremos não  
Até achar o teu sabor  
Até que o grito vire canção  
Até que a guerra vire união  
Até o sorriso nascer na cara dos irmãos

Guiné és tu sorriso de lágrima  
“Sabura que dói”  
Guiné somos nós sorriso do teu semblante  
Seremos até o último instante...

Eugênio Nunes Correia

## Mãe

Mãe, Mãe  
Hoje os teus filhos lacrimejam  
O embrulho mísero que os perseguem  
Quando os de outrem festejam  
A amargura e dor pairam e os prosseguem

Mãe, Mãe  
A carnificina que assististe  
Fez dos teus olhos  
Um rio que inunda a cada alvorecer

Mãe, Mãe  
Eu queria tanto ser  
O filho que querias ter  
Que traria brilho ao teu ver

Mãe, mãe,  
Perdão,  
Talvez um dia o sol há de arder  
A panela há de ferver  
A tristeza há de se desaparecer  
Os filhos teus não de esquecer  
E o teu bem querer há de se erguer.

Jeremias Demba

## Noite

Deitado no meu pequeno leito com olhos arregalados, nariz entupido, boca aberta facilitando o respirar do peito.

Noite de sufoco, sem sono. O desconforto usurpou o meu cômodo que tanto me acariciava durante as noites frias. Hoje é o pior das noites, o mais drástico é que o sol não vem, já passaram mais de 24h sem se amanhecer. Quem me daria voz para gritar em meio a este engasgo do pesadelo? Só espero não morrer tão precoce. Talvez essa treva viesse decapitar o reconto do meu porvir. É a ira dos meus ancestrais? Cascudo de Deus? Uma praga enigma? Um dos antagonistas meus querendo me enfeitiçar? Ou eu maleficando a mim mesmo? Seja lá o que for, quero saber porquê que essa noite não cessa.

Oh! Meu berço que era fofo, o lugar onde me requintava a cada amanhecer, meu maestro musical, hoje, a suavidade melódica dos seus cantos que reviviam o pensar produtivo, transfigurou-se numa noitada de amargura infinda.

Provavelmente nenhum dos meus ancestrais passou por uma noite terrível como essa, se fosse o caso, saberia, com certeza, os cantos e os contos narrariam para mim numa das mais belas noites de lua cheia, quem sabe, lembraria da malandragem do escape.

O único auxílio que me resta é um milagre. Mágico, se eu fosse, puxaria o sol lá do seu esconderijo, para que a noite azeda se desapareça e secar o meu leito banhado de choro de angústia. Que noite é essa? Que nem por piedade que eu peça,

Sente vergonha dessa sua teatral peça, Oh Deus! Teu prodígio eu espero, caso terminar o escuro áspero, no dia mais ardífero, numa arena, juntar-me-ei todo mamífero, antes do meu partir tudo contarei sem omitir.

## Mãe Guiné!

Mãe Guiné!

Terra linda

Terra de encantos!

Prosperando e demonstrando a tua beleza!

O teu insular te exalta

A tua verdura te alimenta

O teu chão te encanta

Oh, minha amada mãe!

Embora de lá para cá

A tua alma perpetuou e chorou

O sol acompanhou

A lua assistiu

A chuva lavou e o mundo anotou Guiné!

A tua memória me deixa com ansiedade

Ansiedade de presenciar a glória que conquistaste

Embora o tempo não volte!

Guiné!

Com sofrimento e luta

Luta de ver

Erguendo arma sem querer

Gritando e tremendo o solo Guiné!

Dentre os teus filhos

Nem todos voltaram

Uns ainda nos matos de *Como*

Outros em *Guiledje*

E restos nas águas salgadas do teu mar!

Minha mãe

Alguns corações ainda vivem arrancados

Memória que não passa

Mãos e pés que não voltam

Mama Guiné!

O seu povo anda esperançado,

De um dia ver o céu

De um dia vencer “*gatu preto*”

E um dia mostrar o seu peito

Mas

Se não voltasse Cabral

Eu não andaria descalço

Se não voltasse Titina

A minha barriga não teria fome,

Porém, tu és Cabral!

Tu és Titina! Tu és a Guiné!

Luizinho Jorge Cá

## **Guiné de esperança**

Vi a esperança nas sepulturas dos mortos,  
Guiné é a terra de órfãs e de viúvas!  
Todavia chegará o dia,  
Onde as tuas plantas jamais desflorescerão,  
E os teus rios germinarão águas doces remanescentes

Guiné é a terra de progenitores visionários,  
porém, um dia, os céus iluminarão de benevolência,  
As luzes brilharão sem expirar  
Não haverá mais exílio e nem desespero,  
E as crianças jamais prantearão de fome,  
Os jovens apetecerão incomensuravelmente de esperança  
E as mulheres jamais sepultarão os inanimados

Guiné é terra de devaneadores!  
Há de chegar o dia,  
Onde as lágrimas de nossos guerreiros  
Cessarão para sempre,  
E as suas angústias jamais abalarão os seus corações mortificados

Sinto-me entediado sempre que vejo as lágrimas do seu povo,  
Transudando no peito dos encarcerados,  
Protestando de esperança tiranizada!  
Guiné minha terra!

## **Mindjer di fonte di bas**

Mindjer garandi di fonti di bas

Sikidu ku si bambaran di meia

Murtchadu suma padas di oredja

Na boka di estim la

Mindjer garandi di fonti di bas

I rabida i sukundi na sukuru suma dinoti

Aonti ba na cau di ratcha tara el ki numeru um

Aos pabia di susu kabeça di si fidjus ku netos

Nin i kata osa furanta kara na metadi di kilis ki bambu

Mindjer garandi di fonti di bas

Bu lagrima kaba gos e restau son sangui

Bu bedju sim kungsi nobresa

Bu kusidu sim pera bu maduru

Bu tene fidju sim prena

Mindjer garandi di fonti di bas

Um dia i na tem bu fidjus ku na tirau na es sufrimentu sim motivo

Bu na sedu feliz pa bu fidjus.

Samuel Adelino Ié

## **Kabral**

Kontratu di anos ku mama  
Ma ali djintons kebral  
Bulanha rabida i dingui  
Ninguim ka tem pa labral  
Ermondadi bida malgos  
Na karmusa di matchundadi  
Kuma elis ku karga don  
Na se boka  
Bu torna kantiga di kanta po  
Sim korson  
E djumbluntinu djorson

Ala rapa tchiga totis  
Nes djugu di futis  
No sintil te na os  
Pekaduris na numia kaminhu  
Ku paliti di fos  
Pake kusende di aos  
Fungulintinu no amanha

Kabalidandi  
Sikidu tcham  
Bardadi na bua suma lan  
Medu saltandam korson  
Kudadi kalkam pitu  
Miskinhu forkam sintidu  
Larma barsam udjus  
Sakur ratidjan na dur  
Nrabida ntoka tambur  
Talbes ita tchigatan fala na mon di nhu dutur



Pa ka nhu matadur  
Konkonhinu mas flur

Nsinti rankur na ria  
Pake irã di forombal tudji kaminhu  
Prentchentches torna medunhu  
Kankuram di prasa boltianu sinhu  
Tcholonaduris tudu larsil

Moransa padjiga  
Limarias toma konta di prasa  
Koitadi dinguidura di no kasa  
Pekadurndadi torna kobrandadi  
Na rastanu pa matu di kantanhez  
Talbes nota otcha Yago pa mata sedi

Ma suma kaminhu laludu  
Kilis kuna koikoi ba dismadja  
Pantadura gasali korson di padidas  
Kontentamenti lundjisi se rostu  
Ai Flema!

Ma suma sunhu ka muri ba  
Nghodja luta karga remu di miskinhu  
E na djusia ba ku kansera  
Esperansa na si rapati djus fala elis  
Bo kala son  
Bo pui na unson  
Anos tudu i ermon  
Pake si kanua ka nkadja  
Nona tchiga.

## **Firkidjas di nô kampada**

És ki nô firkidjas ku sta sikidus na morransa di utrus  
Na rinka odju di busca djiresa  
Djiresa ku na buscadu pa pudi bim ruma m´buludjus pa ria moransa  
Pabia miskinhu tem na moransa garandi  
Tchon di Cabral, ku bidantadu m´fala m´fala.

Ah!

És i kil firkidjas dê!  
Ku na bai lantada kilis ku cai,  
filanta kilis ku djingui,  
pa yandanta kilis ku na n´gnhatinha  
Kumpu kilis ku dana.  
És firkidjas ku na bai firmanta tcham nô kampada,  
suma di vizinhaças!

Aos fikidjas sta na metadi di sé mandjuandadi.  
Amanhã elis ku na bai ribanta kil mama ku tem ba dja,  
disna di tempo di ba nhus  
Ku padjigadu pa ba nhus ku sta na longanta n´utru turpesa di renança.

Ah!

Bo lembra kuma kil mama ku tem ba,  
I ka el ku tene dia di aos.  
Disna di kilis ku bai é disa sê alma  
Ampus, nó sakura nô djemberem!

Afonso José Mendes

## **Esperança nunka kata murri**

Na kil dia alegria tomau konta di kurpo  
Suma strelas na seu  
Mininus lanta ena kanta na moransa  
Pabia sukuru kaba

Ma djintons kuna durmi ba,  
É lanta kuma eka contenti  
Anta kim ku pedra di fugon  
Sim, si lenha ku fugo

Ma si kontra sol ta mansi nam  
Nbom ika mesmo dia kuta kontinua  
Garandis kuma galinha prindadu  
Ka kungsi caminho lundju  
Kuma ika tem kunsada kuka tene cabandata  
Ma si kanua ka nkadja nona tchiga  
I bardade di kuma iagu ku darmadu ikata riba mas  
Ma si fonte rebenta si udjus, mas tarde ita forma lagua

Ah! Kuma considju di garandi ika di passa  
Muito menos pa i otchau firmado  
Si aos sabe, então amanhã ku mas mela  
Suma mel na si kumbu

Kuma tempo perto, tempo de presta konta  
Fidjus di moransa na riba  
Bo purpara, pabia ena pidi bos relatoriu  
Kil dia ku lagrima di homis garandis ku mindjeris garandis na limpadu  
Alegria na torna na se rostu, suma sol de des ora  
Tchon ku mar na kanta kantiga de kontentamentu  
E na torna gurdu suma kunsada de mundu  
Ala na bai bo sintidu ku bos.

**A m o r**

## **Ri di tarpassa**

Ora ku bu ri, nha mundu ta sedu utru  
Vontadi di teneu mas pertu ta aumenta  
Nha alguim di garassa sabi  
Di combersas bunitu e abraçus di findjimento

Ma bu sibi fassin gosta di bo  
Na bu maré bu ta ticim bu lebam kuma ku n'tindi  
Komersas sabi, mas di korson kinti  
Di sintidu ku ka tem diresson

Pa kê é teatro tudu ?!  
Si contra i ka es ku bu corson misti...  
I bu sintidu negal? Nos també?

Si contra bu misti tem lugar na nha corson  
Ri pa mi ku korson limpu  
I ku sintidu na mi, so na mi.

Liliane Alice Resende Costa

## **A sombra do querer!**

Sou uma sombra para os teus olhos?!

Vejo em ti apenas... não sei dizer...

Amei-te por um minuto

E tu destruístes o meu mundo

Me balanças

E não descansas...

Eu amei as tuas lembranças

As tuas cobranças

E as tuas vinganças...

Eu amei não te amar

E esqueci o que é sonhar...

Liliane Alice Resende Costa

## **Amargura na paixão**

Coração cavalo!  
Ingressaste nas paixões profundas  
Meu coração não deprecaste a licença do seu dono  
Não deixaste que ele computasse o período de tempo cego  
Hoje, o remorso te encobriu por completo!  
Trouxeste o sofrimento, dor e a angústia.  
Para quem sabe, a Parada cardíaca!  
Nesse mundo de desamor  
Ousaste entregar sem medir a força demoníaca  
Não almejava te ver com este rancor  
Mas como dizem os senis:  
O passado não volta;  
Não podemos apanhar por completo a água derramada ao chão!  
Gostaria muito que me consultasse, antes!  
Pelo menos te aconselharia  
Diria-te que o amor, é como brincadeira dos cães:  
Se um derrubar no primeiro encontro, no segundo é a vez do outro!  
Noto que, as tuas anotações te explicaram mal  
Sopesaste o comportamento duma forma parcial  
O resultado te deixou com a dor, sofrimento e o rancor.  
A experiência de ser resignado já vais ter  
Nesse campo, tu vais emadurecer  
Meu coração cuide dessa sua paixão espontânea  
Que se apaixone!  
Apaixone-se!  
E se apaixone!

## Versos amorosos

Em que língua escrevo os meus versos  
Em que língua escrevo as palavras dóceis  
Para exprimir meus versos amorosos  
Dessa linda moça que não almoça  
Escreverei em crioulo da Guiné-Bissau  
Inglês da Inglaterra, francês da França,  
Espanhol da Espanha ou pepel a língua dos meus pais?  
Vou fazer uma mistura  
Para essa linda que não se brinda  
*N'pili nuro*, Beautiful girl, Belle fille, Niña guapa  
Tu és um mar de rosa para mim  
Remédio para minha doença  
Passaporte para meu destino  
Hino da minha pátria  
O meu cartão de visita  
Tu és cabeceira da minha cama  
Água para minha cede  
Bíblia da minha igreja.

Samuel Adelino Ié



## **Nha eskema di gã book**

I ka negam, nin ika setam tambí, ikala muk, suma kin kuna komberça ku  
Deus  
Si postal di perfil, i mas kil di Saba ku Joana  
Si komberça ku mi, kata kumpridu  
I so kil oi di nudade  
Kuma si ila kanhota ku n'misti  
Pa n'torkia nha muedas pa notas  
Pa n'laba xulé di nha bota,  
Pake el ikata kiri ku djoto  
Sinhora di unhas kumpridus  
kabelos di difuntu  
Boka burmedju suma sol  
Si ronko i so na gã book  
N'misti ba pa i sedu nha skema  
Ma si vulcidade nin di bartaba i mas  
Na facebook nin XAKIRA i mas  
Ma na tabanka nin mamé di n'ghaié mas el  
Kalka nhadas suma reguas di balanta  
Bokeras branku suma liti di papaia  
Sukuru suma badi kama di tia Talé  
Patas largu suma remu di nhominkas  
Si "n' sibi ba, n'kata pidil amigandadi ku fadi mandal oii  
Si n' sibi ba, nin na facebook no kana kontra.

Augusto Felix Gomes

## **Te conhecer**

Sabendo que o amor verdadeiro existe, quando te conheci  
Amando eternamente a tua tempestade de Amor  
Incondicionalmente, arrancou o meu... naufragando  
Doí quando senti que não te conhecia  
Orgulhosa grito, te conhecer é sentir a chama de furacão.

Brilhando a vida escura é o teu... iluminou a minha caverna  
Amor sensato, amor potente... mesmo no cismo  
Lançado no meu futuro, ainda vivo te conhecer no meu presente  
Deslizando amor no mais terrível terramoto, dando-te conforto e  
esperança  
Esperança é te conhecer na melhor senzala da história.

Anilsa Lima Almeida

## **Ainda há jasmims!**

Ainda há rosas  
Misturadas com aromas de plantas verdes  
Em certos corações auroras de jardim  
Eu sei  
Nós sabemos  
Tu sabes, Margas.  
Faz hoje o dia  
Tem festa  
Tens motivos para o riso  
Porque risos tens muito  
Como Rio Cufada  
Como pedaços de si  
Como luz do teu coração  
Que ilumina dos teus olhos  
Apreciado por todos  
Quantos te conhecem  
Luz que clareia as emoções das meninas  
Filhas que tu fizeste mãe  
Mulheres e homens que abraçaste com coração-criança  
Sob o sol vivo do meio-dia  
Que não passa despercebido a ninguém  
Acaso, só a ti, Jasmims Margas.  
Emoções de uma vida repleta de luz  
Paixões  
Temores  
Sucessos, quase sem fim  
Continue a subir os degraus de felicidade  
Calma e deslumbrante  
Como o Pindjiguiti

A ti, Margas  
Nossa Flor  
Nossa Aroma  
Dia felicíssimo te desejamos  
Te amamos, perdidamente.

Ricardino Jacinto Dumas Teixeira

## **N'lundjusiu**

Na bai na bentu nos n'ta odjau  
Alin li pertu di bo  
Tchomam so nha konosoba  
Na kudiu nha konosoba  
Amor... misti odjau ma bu sta lundju di mi  
Misti pa bu barsam  
Mon ka iangasa kosta  
Korsons perta na nos  
Oceanos dividinu  
Pastro di ferro ku tisin el ku na ribantan...ampus!  
Iago kun na bibi i kata ria na mi  
Só vontadi di n'odjau nha ...  
Ninsi sin udju  
Nha riu ku kata seko nunca pa bo  
N'firma tesu pa ka bento matchu bim batim  
Ninsi anu di fome  
Na sintandau na nha turpesa...ampus!  
Es lundjustancia um dia i na pertusinu. AMEM  
Ali bu fala na busca nha noti  
Pa pudi rafinkau na kil turpesa de nghosanki.

Anilsa Lima Almeida

## **Tens razão!**

Vale a pena

Vale a vida

Vale a luta

A ti, Veivy, uma miscigenação de amor

Duma vida renhida

Há cerca de 20 anos, diariamente.

De flores rosas, que construímos nosso jardim

De beijos-rapidinhas

Porque admito minhas fraquezas

Minhas ambições de amor

Fruto da nossa paixão, que ilumina nossa felicidade

Que brilha das profundezas da nossa

Imaginação, de um olhar

de um beijo, vários aromas

A ti, Veivy, tens razão, vale a vida

Vale a luta

Vale o nosso amor.

Parabéns, cotidianamente!

O dia, nosso calendário

26 de janeiro.

Ricardino Jacinto Dumas Teixeira

## **Anjo da guarda**

Perto de ti me sinto bem  
No teu peito deito a minha cabeça e  
escuto cada batimento do teu coração  
Teus abraços casam-me e envolvem-me feito abrigo  
Meus ouvidos deslumbram a suavidade da tua voz  
Anjo da guarda  
Na tua presença a minha alma mansa se acalma  
Meu coração transborda de tanto amor  
Meus lindos olhos brilham que nem as estrelas cintilantes  
Perto de ti eu sinto segura e muito amada  
Anjo da guarda  
És para mim um porto seguro  
Mesmo quando tudo perder sentido  
Nos dias sem sol  
Nas noites sem as estrelas  
Anjo da guarda  
Quando eu me afogo nas minhas mágoas  
Tu sempre estás aqui me amparando  
Tu és a minha lenda na alegria e na tristeza  
Anjo da guarda.

Wilma João Nancassa Quadé

# **V a l o r   d a   m ã e :**

**Cotidiano de mulher guineense, exaltação da mulher**



## **Firkidja mãe**

Sobre as ondas ao mar profundo, acreditaste.  
A luz do dia se escurecia e tu nem mexias.  
Ficaste plantada, pés descalços para quando vier a reclamar a  
tempestade, *pa i ka tirmintinu moransa*.

Oh Mãe!

Lá tu vais... sacrificar tua vida, para que possamos acordar nas auroras e  
degustar o cantar das garças à beira mar.  
Esqueceste de ser mulher...  
Abandonaste *bôfir* teus cabelos, garruchar as espinhosas matas, partindo  
as lenhas, *pa firmanta kil tris pedra di fugon*.

*Mindjer firkidja! Alau-la mas...*

*Lama te na dju-dju*, a pescar para teus filhos... Arriscando os dias e as  
noites, vigiar pelas madrugadas tuas pequenas ganhar vida,  
sobre camiões pelas rodovias, adormecidas,  
as crianças nas costas...  
para que no *beku kanderu* iluminasse alegria.  
Isto é ser mãe!  
Mãe Berta!  
Mãe Guineense!  
Mãe Africana.

## Mãe

Esse nome tão simples,  
Mas com grande significado  
Contudo, não sou empresário  
Por isso, peguei no meu dicionário  
E comecei a elaborar esse inventário  
Sempre pensando no que podia escrever para você.

Nessa imaginação, os meus pensamentos me arrastaram  
Para navegar nas profundezas do conhecimento  
Nessa navegação lembrei que você é uma mulher batalhadora  
Que, às vezes, passa à noite sem dormir  
Só pensando em como cuidar das nossas vidas

Na verdade, sou uma pequena poetisa  
Mas isso não me impediria de pegar numa caneta  
Para pintar com minha escrita  
Nesta carta  
Explicando para o mundo  
Onde sai a energia que me alimenta

Mãe,  
Vim para te homenagear  
Pois, você é a mulher que merece todo o meu respeito.  
Por isso, te escrevo dizendo:  
Bem-aventurada!  
Porque você é aquela mulher que não desiste dos seus sonhos  
Que se levanta depois das quedas  
Que se fortalece depois dos problemas  
E que com pequenos gestos e carisma

Consegue traçar caminhos de esperança para os seus filhos

Se me perguntarem como é o seu nome

Responderia com esta simples palavra: que o seu nome é MÃE

Que significaria para mim Maior Amor Eterno.

Mariama Cassamá

## **Mulher**

Mulheres são as nossas mães  
Às vezes se transformam em nossos pais

Mulher  
É como uma planta  
Precisa ser regada com cuidado  
Pois, nela cresce e nasce o bebe querido  
A mulher é quem nos carrega no seu colo  
Desde os primeiros segundos até aos nove meses  
Cuidando das nossas vidas até o último bolo.

Mulher  
A sua ausência  
Faz sentir a falta de esperança  
Que só cicatriza a nossa lembrança  
Os teus pássaros perdem o lugar onde precisam descansar  
Pois, tu és um manto  
Que sem ti  
Não poderemos enfrentar o frio  
Causado pela tempestade deste mundo  
Que nos excita  
Com os seus anjos malignos  
Que lentamente nos matam

Mulher  
Não tenho como lhe pagar  
Resta lhe agradecer  
Por isso, vou afirmar  
A mulher é uma sombra que Deus trouxe ao mundo  
Sombreado a cada um dos seus filhos.

## Ser mulher

É ser forte, corajosa, lutadora e vencedora  
És a árvore que enche a terra,  
mas são os mesmos frutos que não te reconhecem  
És aquela que nasce com a coroa  
Porque és especial na face da terra  
É em ti que está o verdadeiro amor  
Que ninguém se paga para tê-lo,  
porque é incondicional  
A sua inteligência é incomparável,  
ela divide seu pensamento para o mil  
É o mil que te ignora,  
pela arrogância, superioridade e ganância  
Triste é aquele que não reconhece quem lhe dá a vida,  
que cuida, e continua a cuidar  
És a luz da vida,  
essa luz não deixa de brilhar mesmo na tristeza ou  
na angústia  
O seu coração está cheio de esperança desde que nasceste,  
mesmo tendo vivido nas trevas  
Porque és visto com corpo inferior,  
cabeça ocupada de mais para pensar...  
Aí que se engana,  
porque por mais ocupada que ficasses,  
consegues dar conta porque pensas por além  
Páre e pense não espere que seja reconhecida, mas reconheca-se a si  
mesma  
Porque só assim que vão olhar em ti a grandeza da tua alma  
Não somos iguais, mas se vivêssemos a igualdade na diferença  
o mundo seria outra...  
Ser mulher, é um orgulho,

um orgulho de ter graça que nela se encontra  
Que ainda muitos são cegos para não enxergar  
Ser mulher,  
é ser a perola mais preciosa que existe na terra  
Ser mulher não significa ser inferior,  
mas sim é ser valorizada, respeitada  
Tudo isso é mínimo que podem fazer!  
Viva mulheres...

Anéximandra da Silva

## Mindjer di koragen

Na si tabanka antis di galus kanta ita pui Kabaz  
Na kabesa, ridia boltial kurpu pa ria mar  
Ora ku bela garandi di seu na sindi, buta odjal i na subi pa Beku,  
nunde ki ta troka si kansera ku dus silin pa otcha Kaneka di firbinti.

Na si sidadi, kargas di lumu ta riantadu, djilas di kada  
Moransa ta kontra na purtu, karakol, tambarina, ku bande  
Strada ta intchi tep, pitus di karus ta somna suma si Kontra Karnaval  
torna tchiga mas.

“Nha kamara bim kunpra pis fresku,  
Nha amiga  
Ali pimenta ku rapudju, ”  
Es i djestu di mindjer ku esta na filera di luta,  
Kil ku rapada koitadesa i misti lundjusil.

Mindjer di koragem  
Na kada madrugada bu ta odjal i pui banda na kabesa  
i mara panu pa rukudji lumus.  
Na tempu di foroba ku veludu i kata sinta.  
Na tempu di foli ku batata i kata diskansa.  
Na tempu di kamati ku tchebem  
Ala si kondutor na rapassa ku pulisia  
Na estrada pa ria tabankas lundjus.

Matus di sul ku kaminhus di kobras?  
Ika diskisi delis,  
I bida i kungsi kada fruta ku si tempu suma ke propi...  
Mindjer di koragem

I dispindra speransa na si Omi i latchil na si kriason  
Buska mamberet pa si fidjus ku netus  
I si orason na kada mara lens.

Si fadiga i na ora ku nuvela ku djugu 'n'tchunbantal Mininus,  
Ora ku sabura di es dias rasta se sintidu pa kobom di skuridom,  
ampus...

Lucas Jaime Indi



## Mulher guerreira

Canto da galinha é o sino da mulher guerreira  
Que se acorda à procura de uma grama  
Para que as crianças não fiquem sem abrir os olhos,  
Para que o sorriso não seja afligido pela tristeza,  
Para que o amor seja ícone da casa,  
Para que o analfabetismo não floresça na casa dela,  
Para que a saúde seja hospitalizada na casa dela.

Nem tem o tempo de fechar os olhos para dormir  
A ambição dela é não ver seu filho com os pés descalços ou sem camisa  
que fará mendigar na casa da vizinha.

O sol a acompanha no seu cotidiano,  
O mercado de caracol é universo dela, é ali que compra os legumes  
Marchando até ao seu bairro a fim de revendê-los,  
Sempre com a cabeça bem erguida, com a esperança de ver  
Um dia o seu filho alcançará tudo que a vida lhe projeta  
Para não conhecer a palavra desistência da vida.

A vida é um fluxo norteados pelos desafios, pela súplica  
De ver as estrelas ajoelhando-se entre o relâmpago e a escuridão,  
para que o sentimento não perca o valor que o mundo ignora.  
Nunca queria que a vida seja atrapalhada pela infelicidade,  
A resposta esconderia por simples razão, então daria o seu casaco para  
seus filhos todos os dias.

Mamadu Nanque

## Mame

Mindjer *bidera*, padida di dus mama  
Ku kata kabanta sono na kama  
Na busca di kume pa si fidjus  
Paka kil monhos bim nheme karus

Mame bidera!  
Si kudadi di tudu dia  
I kaminhu di purtu di bande  
Alal na karga gelu ku iagu,  
Pa pudi intchi si kasa ku djanta ku sia

Mame sunhadur!  
Na kil sunha skola di si fidjus  
Alal sikidu na busca purtu di kanua  
Katchupak ta balansal po di kurpu  
Nim tempu ka tem di djumbai ku si mandjua  
Mama balenti  
Mindjer ku merci respetu i adimirason di si burbuletas.

Mariama Cassamá

## **Bideras ao sol**

Quando o sol do meio-dia comece

Sob o escuro da noite e da madrugada

*Alal la, kusi fidjus*

*De bandé a pindjiguiti*

*Nasi bida, dinoti, ditardi, didia*, cáiram lhe todo sol

O sol da esperança.

Ricardino jacinto Dumas Teixeira

## **Badjuda Djakanka**

Raiz di mangu  
Cresceu no meio *di dus polon garandi*  
Entre os dois  
Ela nasceu solta,  
Onde dificuldade nunca falta  
Pois, já levou muitos tropeços.  
Mesmo sem abraços  
Ela aprendeu a voar  
E nunca desistiu de sonhar.

Porque muito cedo sabe bem o que quer  
Por isso, correu a traz do seu bem querer  
Pois, ela é mocinha Djakanka  
Voando até kassaka  
Numa terra di sim kaneka  
Ela aprendeu a ser firkidja  
Carregando com ordidja  
A cruz da fadiga  
Porque sonhou com uma terra *ku monhos disdja odja*.

Badjuda Djakanka  
Se quiseres saber quem ela é  
Se queres que ela te ensine o que sabe,  
Então deixa um pouco de ser tu mesmo  
Dispa a camisa do teu eu  
Saia da tua ignorância  
Deixe da tua arrogância  
Aprenda com ela o que significa inteligência  
Inspirando nela  
Para tornares num sábio.

**S a u d a d e s**

## **Saudades**

Saudades do meu continente, África  
Continente dos meus pais  
onde eu nasci e cresci

Saudades da minha terra Guiné-Bissau  
onde passei minha infância

A Saudade me dá vontade de cantar a minha pátria  
Que eu amo e me sinto no coração

Minha linda pátria amada  
A terra que me levo no pensamento  
Solo que deixei durante anos  
Solo da pátria que eu vivi aos anos  
Que um dia há de voltar e pisar...

Sinto saudades do meu bairro Bélem  
Sinto saudades da minha cidade canchungo...

Afonso José Mendes

## **Eminyke**

Nindo nanihaan...

Kada matrugada bu ta kordan

Nta sinte bu boka na kutkuti tchoman

Ali i na grita riso na mi...ampus!

I ta fasi nha korson firia suma iago di puti!!!

Credi, sakur, nau ndisdjau.

Ora kun obi bu fala na kabaronisa, na bu boka, i ta fasim nlembra

Ki dia ku no odjus fasi kuarto

No korsons fasi dupla ku kata dividi

No almas ntindi kumpanher sin splikason, Nindo nanihaan.

Ntchomau bu lundju mi!!!

Dia kun na odjau

Nha korson na intchi di contentamento

Suma Kampuni na bantaba...ampus!

Ma pera nfalau...

Nha alma nunca i lundjusi di bo

Alin li na freskura di sin susego...

Na lestunde kurpo pa ka maré bim fikam

Pa ka dia bim rabida noti

Pa ka kinte bim firia

Ma alin li ku nha kabas na mon

Na darma pa ki dia tchiga...ampus!

Ki dia nha korson na branku suma lua nobu

Ki dia ku nha badjudesa na odjau na rua nobu

Nha guarda di nha konosoba

Nha Nindo ku na bim nanihaan !!!

## **Saudade da mãe**

Saudade é igual a fome  
Pode mata-la só com presença  
Saudade é uma água que não tem igual  
A sua igualdade só com presença  
Ela não tem cura sem presença

Bateu saudades da mãe  
Nunca imaginei se o meu corpo desligaria de ti  
Nunca imaginei se nossos olhos não cruzariam para dias indefinidos  
Recebia a tua voz no teu lado, agora sua voz suave rasteja  
De forma lentamente pelo celular

Quando estava saindo da sua casa, não imaginava se faria  
Tantos dias sem sentir o teu calor e aquele afeto da mãe  
Em cada noite a minha lágrima de saudade cai sobre terra  
Saudade é uma dor insubstituível e nem tem remédio  
Ela entra de forma profunda no nosso corpo e sem piedade.

Fatumata Djarai Baldé



**Crítica social,  
crítica política e  
crítica colonial**

**Assim é...**

Verdade tu dizes?  
Talvez após a dança de *djambadon*  
A tua vida leve quanto a neve

Há de ser como estão  
Rir como riam  
E sentir como sentiam  
Os teus dias são poucos  
Os teus pés são curtos

E ali choram  
Vendo sem sentindo o sabor  
Os donos cantando e tocando tambor

Assim é  
Ora assim são  
O santo que vê e sabe  
O que procede

Merece  
Porém não deveria,  
porque não viria.

Luizinho Jorge Cá

## **Ku mansi ñancatam**

Notsi di kobra, i kil um lalu-lalu son, pa kil tempu tona pertu dja mas!

Rola para lá, rola para cá, roda pa puder.

Bô ila brinkadera, ku sumiadu pa kil

Esperansa nobu, kuma *ñancatam ku mansi!*

Mon pun kabesa, pabia fartura forcan garganti *Tendipresa*, kankaram  
ku puti disna falan.

Asin ku na mansi!

Gos i akotro-bido di con, si ami ku tem roson

Polon, lanta bu djuti dianti, pa i sedu bom simola

Bofin-n'bofiu, pakê kaleron na bai firbi djanan

Pakê djanti na toma kil ku ka dadu,

kil di bô torna bedju dja mas!

N'rabida n'djopoti pa n'turga,

bu bedjisa, ku tudu dia na kumprindu

ku kumprumisu, di um dia dés n'cadjantanu na sombra,

nos tambê no ta odja *ñancatam ku mansi!*

Moisés Domingos Correia

## **Gritos de socorro da Mama Guiné**

Choro dos meus valores solfados pela globalização  
Peço de volta os meus espíritos da nação e da guineendade  
Não aguento tolerar estratégias enganosas do neocolonialismo  
Reivindico do meu petróleo cedido na convenção sem piedade

Rasgo as cooperações que devastam o meu espaço ambiental  
Inferno desonestos que ameaçam a riqueza do meu quintal  
Exausta de ver meus peixes e troncos no mercado ocidental  
Sem que meus filhos saborearem as riquezas das minhas águas

Cansada de negar a deturpação das ideologias dos guineenses  
Cultivadas debaixo das bombas dos invasores camuflados  
Choro a pena de ser mãe dos filhos que se entregam cegamente  
O futuro do meu povo aos inúteis exploradores do continente

Jamais adiem a felicidade da minha família hospedeira  
Políticos corruptos que não se escapam da asneira  
A memória dos invasores guarda a bravura do competente  
Governantes recuperem a minha dignidade detida no ocidente.

Justino Gomes

## Mesquinhos da criança

Só resta no coração dores do passado  
Do presente não falo,  
Que sem fala estou

Ao alongar-me mais  
Vejo um fatídico futuro nas ruas poeiradas  
da segurança sequestrada

Lá estou caminhando  
Na terra dos fortes  
O destino não sei  
Apenas rumos insertos  
Invadindo esperança coberta de infortúnios  
dos colegas na terra  
Tomada pelos insensíveis  
que nem títulos conheço  
Mas de CAMARADA respondem  
Maioria nas rádios  
Alguns nos concelhos, nas ruas e nos bairros  
prefiro calar-me.

Justino Gomes

## Curvas da Guiné

Nesse pedaço de Kabaz riscado no chão  
Linhas de estradas cruzadas,  
onde negociantes da vida se encontram  
Num bate-papo de amizade  
Em busca de pedaço de felicidade.

O murmurar nos cantinhos sem luz  
São falas de *matchus dunus* nos ouvidos delas  
Dedos no bolso a palpitar moedas  
Moedas nas mãos delas, corpos cruzados a fazer...

Sons dos seus saltos no passeio são  
Melodias de um cantar de ziguezague  
Num andar nas esquinas.

Hoo! Mame  
Preocupada *na si turpessa di baranda*  
Perguntando, *nunde nha code um son?*

Voz da mulher de cuscuz gritando filha  
Que ontem deixou vestir *tchuna*  
Mas que hoje já é senhora das curvas.

Educação híbrida na plena modernidade,  
na ausência de tradição... Prostituição...  
Que bagatela esta vida!

## **Colonialismo e a pilhagem**

O meu mundo não compreendo dele  
Estou desconfortável por olhar impaciente  
Rodeado pelo espelho transparente que não  
permite descodificar minha cicatriz  
Que flutua no território alheio

A dor que veio na minha vista é tão brutal  
Como crônica mal narrado,  
pela intenção potente  
Que machuca coração de inocente  
Ferido no seu interior  
pela dita civilização  
Palavra divina erguida legitimando pilhagem ocultada

Ao acordar do sol, na lua,  
silêncio estimula pela falsidade  
Que explica por si as caras  
que transformam no sentido verdadeiro,  
Atribuíram responsabilidade ao pobre vento quieto  
Sem voz para explicar crueldades  
que eram invocadas na legitimação de hostilidade  
Paisagem irrigada pelo sangue dos inocentes  
Cultura ocidentada com sua arrogância implantada,  
e sua inutilidade espalhou-se pelo mundo  
Que infernizou mente da humanidade.

Mamadu Nanque

## **Piada d´nha mesquinho**

Guiné-Bissau, o teu silêncio me dá fadiga, que os meus olhos se gritam da dor e a desgraça que tormenta os sofrimentos dos inocentes debaixo da vingança.

Os seus filhos choram da desgraça demais que num país tão nobre... Que teve um Amílcar Cabral e que deu uma Titina Silá.... As crianças choram sem leite e a miséria paira do espanto da infelicidade bruta!

Guiné-Bissau, os seus filhos dançam no silêncio da morte, no escândalo da falência de “djito-katem”. A vergonha que brota as flores, que se transforma a lágrima do pranto do inocente. O sol que arde no dia quente da chuva, a esperança da mentira que assombre ansiedade do pecado!

Guiné-Bissau, paraíso de quem-não-volte pela esperança da ignorância, vida que solta a festa de quem vem de longe.

Na madrugada da matança, a sua lágrima enche o oceano de dor, o seu nome vislumbra o grito de medo, esse medo enorme que amplia monstros covardes...

Mamã Guiné, até quando? A sua roupa ficará curta e seus seios ficarão expostos pelos estupradores. O seu medo gargalha dos monstros que imprime o código, não pode abrir o céu ao crime, difamando o respeito que os “sábios” segregam!

O silêncio do grito que empobrece a estrada da esperança, pelo riso que incomoda a loucura dos famulentos.

Guiné-Bissau, a sua lágrima está farta dos mortos que enterram os vivos, morte que aborrece a nossa imagem do castigo, os teus pés soltos de feridas nojentas pela chaga incurável!

Emílio Júnior



**M i s k i n h u**  
**“ l a m e n t o ”**

## **Guine Nhani**

Neste caminho de contratempo  
Os teus comandantes desconheceram o mapa do tempo  
Porque os cartógrafos não souberam distinguir o polo norte do Sul  
E o ponteiro do teu relógio bloqueou  
No desespero dos teus braços mutilados

A sua esperança foi mergulhada no mar de desespero,  
Desertificando cada vez mais  
O nosso sonho de um amanhã melhor  
Pois, os mitos invadiram os nossos pensamentos  
Num silêncio de sofrimento e dor,  
Sobrevoando nos jardins das rosas  
Que fantasiaram as nossas esperanças.

Porque as nossas riquezas foram vendidas  
Ao custo de barriga-de-meia  
Baseada na prostituição dos governantes kalabantes  
Que conheceram até o desconhecido.  
E tu estás parada.  
Enquanto o tempo passa rapidamente  
Para nunca mais voltar

Guiné...!  
Foi em ti  
Que no lugar de alguém  
Sempre está ninguém  
Nesse jogo de tem-tem  
Manipulando até o além  
Onde o povo torna-se cada vez mais refém,  
Lacrimejando o sangue  
E sorrindo alegria do nada feito.

## Passa o tempo

Os dias que a minha memória recupera, os dias sãs e de *djumbais*.  
O fogo que ardia às lenhas secas e nas pontas chovia as lágrimas.

A temperatura entrava e fazia proliferar pelos órgãos,  
só se via em nossas faces os dias em sangras!

Quem há de vos acudar!

Os dias são tão maus!  
Quando anoitece,  
e a fogueira não nos dá mais alegria,  
entenderiam!

Os tempos! ... as crianças! ... tudo *warangui*.

*Pa kê n´didja tempu*, se as minhas metas são tudo que as varas  
asseguradoras dos velhos, *ku djitu* fazendo tudo para discernir à volta que  
dá a Dúnia.

Quem me dera recuperar os tempos, que tão apressados desaparecem,  
parado me encontro no velho Trem, sobre ferrominho sem versos.

E agora! ... ao poço profundo parte a minha voz.

Quanto mais força grita a garganta dessuportada,  
mais roca ecoa minha salvação.

## **Ke di mi?**

Nsta na um kau nde ku bardadi parsi sunhu, nka ossa fitcha pabia kau sta medunhu, nsta suma difuntu ku pirdi ksi koba. Pa kilis ku ka sibi i som noba

Nha karnidura ta papia i ta konta di nde ku nbim, nha rostu kil kunsidu pabia di kilis kbim antis di mi, kilis ku ka tem dja fala, ma ke ki fala si nka pudi papia npunta?

Nha korsom mara korsom i pembi barba, na kuda kudadi di nbuludju ku bim di terra lundju. Djorsons padjigadu, mama pirdidu, matchundadi firmantadu suma Nhara, bardadi patchari kulpadu ka sibidu. ke di mi?

Darma darmadu polons djum'nadu, ora oradu omi garandi ka ossa papia, raça raçadu lua fasi mukur mukur-mukur, fala faladu ma kulpadu ka odjadu. ke di mi?

Kuma tuada di praça gos i limpu boka, anós ku ka sibi papia gora? Na matu kil ku tem arku ki general. E fasi mandjuandadi ma pa bu entra la djintons ta pui pa bu mola unha.

Ke di mi si nka sedu bom pa nha netus, si nha fidjus ka rispitam, si nka sibi nha rumu, ke di mi si nbali um nkabali noventa i novi?

Joel Da Silva

**Ai nha terra!**

Es i abo?  
Ku pubis lundjisi di se amanha  
Pabia bu padi fidjus kuta fasi manha  
Nes bulanha  
Padja brabu djagasi ku arus  
Ala bu borbuletas karga es pisadu krus  
Keka dibi  
Sim odja se lus  
Pabia dinguinhu kansa nHEME karus  
I fasi amor kai na tchom rus

Kau rabida i torna sukuru  
Pabia djintons ka pensa na amanha  
E diskuda na se fiu manha  
Nunde ku kada kim misti prenha  
Ku manda no sunhu lundjisi di nos  
Suma kaminhu pa bai Ntchanha

Nha Margarida  
Si nha seta  
Nha ta pistam fala  
Pa ngrita gritu di sakur  
Paka yagu bim mas forinha  
Pa tisinu miskinhu di dur  
Pabia nghodja serenu di kurtu sintidu  
Na norostianu parmanha

N'rabida mputa  
Es dinos  
I mufunesa o i praga?  
Ma suma kombersa di magru

Kata obidu na kau di fola baka  
Ku manda na punta  
Bo disdanghun  
Suma kuntanghu na tempu di kadju.

Valeriano Djú

## **Tcheca Ticinu**

### **Alegria**

Tony Tcheca ali bu tchiga  
Pa bim tiranu na Borgonha  
No rabida no ta sta nan triste tok  
Na metade di no mandjuandadi  
Tempus bai tempus bim  
So skirbiduris di utru paises ku bu ta odja  
Bu cata odja nada di Guiné-Bissau  
No rabida no burgunhu nim no kata ossa ialça cara  
Bu ta pensa kuma no ca tene skirbiduris  
Ali bu bim pa tiranu na Borgonha  
Mas no tene so pa falau  
Anos no na kuida nan di bo  
Suma mandita fidalgo na rabada di estim la  
Ou si no misti tambi  
No na falau Tony Tcheca  
No na kuida di bo  
No na rabida no kinhu ku bo  
Suma bianda na mon di mininu  
Na tempu di kindjalen na tambaka di nha donas  
Na tchon di Biombo  
Tony tcheca tici alegria  
É Tony Tcheca  
Tchigantanu es recadu pa terra falanu  
Djomav ku Mingo  
Nhu Cipri ku M'beia pa é para  
Pa é pensa na púbis no cansa  
É rabida é kata djubinu nan li na UNILAB  
Ou talvez propi é ca sibi si no ixiste  
Mas tchigantanu es rekadu  
É Tony Tcheca ali bu bim tiranu na Borgonha  
Ampus alan ku bos.

## **Dur, Dur, Son Dur**

Nha Djintis

Alin mbin mas

Suma firkidja ku nsedu

Pa lembranta bos di kuma

Kinkinhi ku kankanha

Na moransa di ba mancanha

I prehada bambu nghutru

Ma si prehada bambu nghutru, HUUU!

Neto di nha dona ta fala

Tanamo fenhi nan

Nin tempu pa silimbiki silimbiki

Ka tendja mas

Bas di ntudju di tio Nando

Suma ku na Bdas

Na Kasa di dona Mandas

No ta rapatiba tudo padas padas

Pabia anos i un son son

Suma kilis di kasa di bas

No ta sedu ba dus, tris, quatro

Ora ku lus burmedju uak

Na manta di Nasibatchi

Na ora di surumba surumba

Kila-kila

No ta preocupaba tchiu

Ora ku ora di mbentu na pertusi

Mas odja bobo bai



Kil di nunka mas  
Na Bdas, bas di pe di kabas  
Kabras segus Ka odja mas  
Sukuru torna garandi di mas  
Tok ata mbili bili pirdi balur  
Na kasa balas

Pabia tudu ku ten ba balur  
Bida tchur  
Até pa catchur  
Na tabanca di Tchur  
Dur  
Dur  
Son dur  
Storia ka tem komtadur.

Jamiro paulo sanca

**“Fusca-fusca misteriosa”**

Almas sucegadás, pensamentus filantadás,  
na um fiu di ianda  
Forsa, djiressa ku djitu di kumpu ka daba falta  
Na kil firkidja di nô kampada ba  
N’ghulidera ku djus Ka tem ba lugar.

Fartura? ina kil um Kabaz di ermondadi.  
Kaio-kaio ku surumba-surumba tambi ka daba falta.  
Alegria? I kil ku toma vlanti na tudu kau.

Storias kuta kontadu na fala de  
N’na-garandi  
Ekata malgos, mas eta gustus nam tok.  
Noti di kil lua fresku,  
i tustumunhu di kuma  
Nô badjudessa la ki formadu nel.

Mas, disna ku kalma di baloberu fura  
Konta di djambakus bim sapa tambi  
Kanghaluta fika ina dadu son.

Raiz di forsa rinka, bentu yalsa djemberem  
Sombra di polon garandi kai konhoz  
Djimidura barsa korsons, kurpu murtcha  
Panu ku fundinhu iogoli.  
Sirbintia ku rispitu?  
I kilis kuka pudi panhadu.

Raiba bim kinti-kinti suma flexa

Bambaram padassadu,  
kada padas disparsi na bentu  
Fuska-fuska misteriosa tisi fugo, kasas kema, kanuas foga.  
Limarias tudu kapli e rukudji na matu.

Koitadi prentchentchez na es ermondadi siparadu  
Koitadi kilis ku n'djudja-n'djudja se djitus,  
Pabia ali e fika sim dus-silin  
Malditu es fuska-fuska misteriosa.

Lucas Jaime Indi

### **Mindjer bonito desdi si nobresa**

ku si cor preto, kabelos preto, udjus azul suma iagu di oceano, gargantes  
corta-cortado suma puti de tchon-di-balanta  
si curpo cheio suma kil di campune

Mindjer ku padi mangas de fidjus brancos ku pretos, na si morança  
diferença ka tem ba lugar  
di repente é envade si moransa  
ku nome de visitantes  
visitantes ku bim ku muntudo

Gossi mama ka panha pé di si fidjus  
moransa padjiga,  
dona casa ka pudi i sai na fala credo,  
anta i kê,  
até nha fiansas sta contra cumpanher  
mindjer ka panha pé nim di si lenso  
ku fara si panos  
ma es i kalcoldade de barafunda

Mufunesa entram moransa  
N´dado tudo kum um tchon precisa del,  
tchuba, seco, iagu, terra pa labur  
e fidjus inteligentes  
Ma ntchutchidures ka da nha fidjus tempo  
pa é admistra se riqueza  
Ntem mar ku si diferentes pis,  
matos verdes ku mangas de frutos  
Ma ike nudade, i djusta,  
bo dixa nha morança,  
bo dixa nha fidjus em paz

Na pidi paz, justiça, intendimento ku reconsilhação  
Ampus ...

## Lagoa de cufada

A felicidade do povo foi-se com albatroz  
Para o vasto território do bando sem vida,  
Da minha querida terra apenas chega a voz  
Dos gritos da passarada da lagoa aborrecida,  
Que pena ouvir mesquinhos da nossa fauna  
Presa e obrigada a ceder a sua água ao gásóleo  
Do coletivo oligopólio que ameaça a fortuna  
De um povo forçado a entregar o seu espólio,  
Jamais a escuridão merece as almas libertadoras  
Mas a biodiversidade guarda a era das almas  
Ao projeto de iluminação não somos opositoras  
Contudo, vale salvar ninhal nas áreas protegidas,  
Dos parques da minha terra berram os pássaros  
Obrigados a refugiar do seu bosque pitoresco  
Nos interstícios da brisa ouvi a voz dos pássaros  
Não eliminem as nossas vidas concentradas na lagoa  
Socorro grita, o patrimônio mundial de UNESCO.

Justino Gomes

## **A tristeza do sapo**

Que dá um salto  
Nas ondas do planalto  
Que nunca chega ao alto  
Mas que não para de ressalto  
Porque acreditava no sobressalto  
E quer alcançar a verdade oculta  
Que está escondida na caverna  
Que não sai átona  
E permanece noturna  
Que pena!

Elizandro Fernandinho Có

A f i r m a ç ã o  
i d e n t i t á r i a  
“ n e g r i t u d e ”

## **Levanta a cabeça!**

Querem te deixar para baixo  
Dizendo que tu és o símbolo do fracasso...

Levanta a cabeça ooh mulher!

Mostre ao mundo onde a tua mente alcança  
Porque tu lutas todos os dias e não descansas...

Levanta a cabeça!

Ontem, a tua energia era pouca  
Pois, chamaram-te de louca  
por querer limpar aquelas mentes sujas...

A luta continua...

Lá vens tu com essa tua mania de querer me redimir  
Chamando-me de negra, kkkk  
Cabelo duro e nariz grande

Mas eu te pergunto ????  
De onde tu vens?  
Porque eu sei que eu sou de lá e eu vim de lá...  
Carrego em mim a minha identidade...

Eu sou mulher  
Eu sou negra  
Eu sou africana  
Eu sou guineense.



## África

Continente negro  
A história proibida  
A existência negada  
Terra explorada e estuprada  
Humanidade e identidade rejeitada  
Eu sou a África  
Mar de melanina  
Guardião da história esquecida  
Berço da humanidade  
África de ouro, mina, marfim e diamante  
Eu sou a África  
Museu de arte viva  
Reino da sabedoria  
Tesouro das riquezas infinitas  
Terra de culturas, de tradições e de línguas  
Eu sou a África  
Terra de mulheres e homens valentes  
Continente de heroínas e heróis  
Mundo de cores e diversidades  
Palco de choros e alegrias  
Eu sou a África.

Wilma João Nancassa Quadé

## **Negro poente**

Camarada da luta  
Camarada de dança da negritude  
Tu que encantavas o teu povo  
em nome do teu oriente!  
Hoje negro já não és?  
Ai negro!

A tua boca não fala mais o que falava  
A tua mente não pensa mais o que pensava  
Porém, tu és negro  
A negritude te espera aí  
Pois desta terra tu comeste  
O que te fez ser negro  
Negro imutável!  
Ai negro!

Gladiador do teu tempo  
Fazendeiro do teu povo

Mas lembre que  
Daquela mesa tu não vais sentar  
Daquele vinho tu não vais beber  
Pois, tu és negro  
Ai negro!  
Tenha memória da tua negritude  
Lança aguda  
Negro de fora  
O ser de dentro  
Oh mãe negra!  
Onde estão os teus filhos?

## **Sou negro, negro, negro e negro**

África...

De tudo para nada  
Foste reduzida  
O Atlântico testemunhou  
O desespero do teu ventre  
Chicoteadas, água que molesta  
Fizeram ouvir gritos

No fundo dos porões  
Nas senzalas  
Gritaram lágrimas negras  
Para eles eram panteras

Quem disse que sou esse negro  
Desde quando eu sou o tal negro  
Não sou esse negro  
Não o sou, não  
O negro que chegou até vocês

Mas sou o guinéu que sou  
Da verdadeira África sou  
Sou o negro, negro, negro e negro.

Jamiro paulo sanca

## **Os negros**

Sejam fortes ou fracos  
Ricos ou pobres são crentes  
Crentes na natureza firme  
Que os bons vencem  
Vencem sentados nas palavras sagradas  
Coroadas de honra  
OS NEGROS  
De todos os cantos  
Aclamam em heroísmo da alma pura e dura  
Plantam sabedoria nos ramos da mente  
Escura ou ardente  
OS NEGROS  
Cantam nos planaltos dos céus  
Enchem rios e mares de amor  
Cortam sombra de pecado e dor  
Escrevem histórias nas folhas dos olhos  
Com tintas da cor da sua bondade e dignidade.

Augusto Felix Gomes

## **Voltando as raízes**

Mãe procurada e lançada no atlântico sem destino  
Arrastada no obulum para o mundo sem rumo  
Expulsada e volta humilhada com rosto húmido,  
Contudo recebida sem julgamento!

As terras são contrafeitas de receber sem querer,  
Porém o diálogo procura a dignidade com temor  
E o terror sempre conquista o sofredor na tragédia!

Os filhos são humildados de baixo de raio do sol  
Arrastados nas ondas das águas marítimas  
Flutuando no ar como lâ no vento

Oh! Mãe, o seu destino foi retalhado na colisão do mundo  
Porém, um dia, a sua existência será reconhecida!

Haverá o dia onde jamais será lembrado os cânticos dos pássaros!  
O toque de trombeta do seu destino será como a dor de mulher grávida,  
esquecida sem entendimento!

Ah! Mãe, o seu destino foi imposto na indigência de inocentes  
E como a música inspirada sem interpretação  
As suas lágrimas reclamam gênese de um sofrimento inventado,  
Que tenha procurado o destino nas luzes do seu averbamento

Por mais que as aves despregassem do seu destino,  
Nunca desconhecirão a sua estalagem  
Ainda que as formigas caminhassem longe de seus domicílios,  
Na tempestade, voltão para seus subterrâneos!

## **Cultura**

A cultura é a minha identidade,  
A água que suplanta sementes nos rios da minha progénie  
Que nunca deixará de transbordar  
O assentamento inveterado da alma presente,  
Onde a geração da minha propriedade  
Nunca se desaparecerá na minha mente

Glorioso será o destino alumiado pela sombra de meus ancestrais,  
Que jamais será desmemoriado na alma vivente de matrizes  
Que vislumbre a retidão da minha entidade.

*Ami, n sedu kil ku sedu,  
Na metadi di kilis ku ndjutin,  
Ma na mostra balur di nha difuntus,  
Pa ka se bambaram pirdi si balur.*

Djibril cá

## África

África amada  
Minha esplanada  
Meu cativo  
No desespero  
Minha confiança  
Na desconfiança  
Meu conforto  
No desconforto  
Meu abrigo  
No desabrigo  
Meu lar  
Neste mar  
Meu sossego  
No mundo de desemprego  
Minha esperança  
Nesta dança  
Minha salvação  
Nesta condenação  
Minha luz que me conduz na escuridão  
África é a minha casa e o meu viver!

Elizandro Fernandinho C6

## **Onde está a nossa África?**

Onde está a nossa mãe querida? Mãe da nossa sabedoria, mãe preta que cantaremos a nossa cor, Mãe que me gerou. no teu ventre nasci, nasci como rainha Okinka-pampa, nasci como Nelson Mandela, nasci com Malcon X, nasci como Dandara, nasci como Mariele Franco, nasci como rainha N'zinga, nasci como Abdias do Nascimento, nasci como Carolina Maria de Jesus e entre outros!

Mamã África, mãe heroína, mãe de uma beleza infinita do perto ao normal, mãe de tambores rico de fé, mãe dos encantados...

África, falando na voz do seu próprio filho, filho da pátria igual, filho de um universo de bem maior, filho de batuque dos tambores de encantos, encantos dos saberes ancestrais que traz a luz da cidade, cidade dos nossos mestres fortes!

**ONDE ESTÁ A NOSSA ÁFRICA?**

África de raiz de todo bem, raiz da nossa existência, existência da nossa sabedoria, sabedoria da nossa encruzilhada.

África, tu és fonte da nossa musicalidade, que a Bahia cante e encante nas encruzilhadas dos tambores, tambores que trazem a fumaça dos mensageiros!

África, mãe do sofrimento, sofrimento marcado pelo chicote do feitor, chicote que batia na senzala noturna, senzala que nutre o nosso ódio, ódio que deslize o nosso sangue, sangue que encanta a nossa dor de revolta!

África, o nosso medo está na pele, pele que cada um julga, xinga e bate, bate pelo racismo, racismo da história nojenta, história que segrega o nosso espaço, espaço que nos silencia, espaço que ainda somos julgados por cor da pele, nariz e o cabelo. Ó África! Dentro de um porão, porão da dor sentida na pele pelo os açoites da escravidão, dor perpetuada pela falsa abolição.

**ONDE ESTÁ A NOSSA ÁFRICA?**



A nossa África é roubada pelos colonizadores, colonizadores que contam a nossa história, história que a mídia repassa para nós, história que nossa academia naturaliza, história que igreja conserva, história de porcaria, história de oportunistas, fascistas ditos brancos, brancos de cabelos loiros, olhos azuis, brancos camuflados, isto é, mesmo branco que conta a nossa história? Não! A nossa história é contada mal e precisa ser recontada pelos seus próprios filhos.

ONDE ESTÁ A NOSSA ÁFRICA?

ONDE ESTÁ A NOSSA VERDADEIRA ÁFRICA ...?

Emílio Júnior

# **E x o r t a ç ã o**

## **Utru ku utru na boka di utru**

Boka di utru na papia di utru  
Sintidu di utru diskuda na pensa utru  
Utru ka lembra pensa na si kabesa

Utru na djimpini benten di utru  
Utru na djimpini fugon di utru  
Utru na papia di lope di utru ku fura na rabada,  
ku nburuta di koba na si bokser

Tempu bai, tempu Bin  
Sol konkoñi, serenu disi,  
utru dia djimpini moransa  
Sukundidu odjadu, Borgonha forka pitu  
Pabia santidadi papiadu di el risu  
Si kamisa bistidu na manga di festas,  
Perfume ate tenta pudu, hummm!  
Garandis kuma uniku ku kata konta mintida i ação.

Joselino Guimarães

## **É a hora**

Chegou a hora de funcionar as cabeças,  
Recuperar tempos perdidos,  
Tempos de barbaridade,  
Em busca de criar nova realidade.

É a hora de puxar todo para frente  
Porque ninguém já quer saber,  
Nem conhecer o que é mal e o que é bem  
Tempo de esquecer todas as artes  
É a hora da ação e não de palavras  
Esquecer de todos os males praticados,

Se formos quatro cores da Bandeira,  
Se a perdão dos vencidos for esquecida  
Seremos vitoriosos da paz,

É a hora de recuperar as ideias,  
E pôr em função.  
De quem te sagrou e te criou Guiné  
Quis que a terra fosse na união  
Tudo o que pensou e criou Guiné

Chegou a hora de libertar os cansaços  
Submetidos ao povo  
E viver num Mundo dos Pássaros  
Pastores da paz.

## **Veja além!**

Inspirem pelos ventos do sul  
Pensem em vocês mesmo  
Realcem o que aprenderam desde lá  
Acreditem e, nunca percam fé!  
Vejam os que tanto desejavam simplificar a vida, e o fizeram!  
Andaram num caminho em que a escuridão fala mais alto  
Sozinhos e sem medo  
Cadê o guião da esperança para eles?  
Acredito que perdeu!  
Acho que se passar os dias ela volta, volta mesmo!  
Porque acreditar é um território  
Ocupa lugar em nossa vida  
Nos guia;  
Nos alimenta o desejo;  
E, nos faz pensar além!

Umaro Seidi.

## **Kirsi**

Kirsi na tempu, pabia tempu na  
bai na tempu  
tempu na torna utru.  
Mininesa di aonti dibidi sedu di aonti,  
Pa i sikidu suma firkidja.

Kirsi, kirsi na sintidu  
Ku intindimentu firmadu Sin djingui-djingui nin ñonki,  
Ku udjus limpu pus di intindi kusas, Firmadu riba di fé sin liti di  
mininesa na boka.

Aonti, i aonti ku si mininesa  
Aos, i aos ku si maduresa di fasi kusas. Amanha i kil di sedu spidju di  
utrus  
Na manera di fasi kusas.

Kirsi sikidu  
Bu sindji bu lumbus ku kusas limpu pus  
Bu fortifika bu djudjus ku palavra di bardadi  
Feti-feti bu pensamentu na bardadi di bardadis  
Bu djunki riba di disidju di kirsi pa intindi,  
Kirsi pa rapara, kirsi pa torna gros na manera di fasi kusas.

Ka bu ndjita kirsi, pabia kirsi  
Dibidi sedu nan kirsi,  
Ku manda 1 dibidi pupadu na si tempu djustu  
Antis ki bin sedu 9.

## Sonhador

Sonhador, sonhe!

As nuvens não podem calar os seus cantos

Sonhador, sonhe!

Nas noites claras, amargas e de lágrimas

Sonhador, sonhe!

Nas profundezas do mar, gemendo, gritando, pedindo socorro

Sonhador sonhe!

O espelho escuro que nem consegue ver mais a face!

Sonhador sonhe!

Este é o mar das fadas?

Cadê aquela árvore que canta os corações?

Sonhador sonhe!

Cadê a pedra que chama o deserto? Ela se perdeu.

Sonhador sonhe!

Sua profunda integridade liberta último suspiro

Sonhador sonhe!

Sonhar é um desejo que agrada o nosso instinto,

quando o nosso olho desaparece da claridade

Sonhador sonhe!

Ao acordar do chuvismo a minha mente carrega de tanta dúvida

Sonhador sonhe!

Espere, vá, onde está?

Elizandro Fernandinho Có

**S o n h o**



## **Destino do sonho**

Eu encarro o mundo para minha meta  
Meta que sempre sonhei  
Meta de objetivos a serem alcançados

Eu corro atrás dos meus sonhos  
Eu corro atrás da Liberdade e da Prosperidade  
Eu corro atrás da Igualdade e da Solidariedade  
Eu corro atrás de tudo que sonhei

Ainda me pergunto no meu sonho  
De onde eu vim?  
Até onde quero chegar?  
O que eu quero para o meu futuro?  
O que eu sonho para o meu país?  
O que eu sonho para o meu povo?

Hoje é o dia de resgatar os sonhos  
Aqueles mais perdidos e escondidos.  
Indo atrás de tantas possibilidades

Assumo responsabilidades novinhas em folhas  
Que essa nova fase me proporciona  
Porque em uma vez, há mais de uma vez de tantos anos  
Eu sonhei com esse dia.

Afonso José Mendes

## **Os sonhos sonhando sonhos**

Os sonhos viajam pelos sonhos sonhados  
Nos desertos verdes, construindo muros  
Os aflitos caminhando seguros sob as luzes do brilho do sol  
Os sonhos sonhando sonhos!

São vivas as testemunhas do sonhador  
Pois, as montanhas acederam, o vento aclamou e o céu sorriu  
As águas do mar em firmeza, o chão do deserto frio e sumiu  
As vozes glorificando e humanizando  
Fortificando e abraçando o mundo!

Os sonhos solidarizando sonhos  
Voando em procura da pangeia perdida  
A sabina e romana  
Os sonhos nascidos pelos sonhos  
Quanto os cordeiros pelos carneiros  
Em silêncio marchando mais altos  
Sonhando e tornando mansos bravos!

O grande Saara  
Fazendeiro dos sonhos  
Dono dos sonhadores  
Sonhadores doadores!

O Nilo e o seu ritmo  
O Tibre do Amúlio  
O sonho do sonhador!

### **Ami i mininu**

Desdi ku nlanta  
Na nha soronda sintidu  
Npassa manga di sakrifis  
Kuta dam mas vontade di mpensa mindjor

Nes kudadi  
Nsibi kuma ntem ku pega tesu  
Na pensa nha aonte  
Pa nkumpu nha aos  
Paka nha amanha bim parisi paliti di fos.

I bardadi kuma sufridur kuta padi fidalgu  
Ku manda kada dia kuna pasa  
Nta luta ku tudu presa  
Ku pensamento di odja utrus na bem  
Ma ina tchiga kil dia  
Pabia nha sunhu na dam forsa  
Pa um dia nda nha kinhon  
Pa bem di nha nason  
Pa nha nomi torna kantiga di contentamento pa pastrus  
Ku bentu na leba até na ntchanha.

Tejú Ducanda

**D i s p i d i d a**  
**“ d e s p e d i d a ”**

## Dispidida

Na tchigada di fuska fuska di mis di maio noba tchigam moransa  
Ceu tinguidu kontra soronhasinhus pruntia na pirmiiti tchuba panu pretu  
Na kil ora, n'tcholonadu noba di kuma dia tchiga  
Kassabi barfatam pitu, korson intchidu di sufrimentu  
Dispidida ka sabi  
Na kil ora, n'rabida pa tras ndjinpini pa ladu ma só diante ki sobra  
Ndjunna n'disdja mandjuas kontra nim nka mara n'buludjus  
Larma intchim udju kum suma mar di fora  
Ku sintidu nbariadu pabia di kudadi di si kontra nkamba oceano na otcha  
gassidju  
Dispidida ka sabi  
Na obulum di mis di maio, alam na boia pa mundu ku nka kungsi  
Bedjotis kuma i distinu  
I el poh malgos nim pó madronha di matus di tchom  
Garganti fitcha kumi, nim fala di tchora  
Pa kamaradas ku nbarsa pa ultimo bias i pa kilis ku ndispidi pa nunca  
mas  
Dispidida ka sabi  
Kontra na sana tchau-tchau pa tudu ku aonti i dimi  
Kassabi di pirbita lugar nunde ku tudu i di selis  
Tchibini tchibinidu nim djitu di toka ngunbé nka tem mas  
I resta só noba medunhu di firkidjas ku mortu na leba  
E ma dispidida kassabi.

Wilma João Nancassa Quadé

**Canto à Guiné-Bissau,  
à Guineendade e ao  
povo guineense**

### **Perdido nessas escritas**

Nestas águas calmas e infinitas  
Afogando a dor que aquele dia suscita  
Gerou tanta dor que até hoje persiste  
Neste coraçãozinho de voz sublime  
Que chora com aquele que outro oprime

Para os oprimidos faço canção  
Da Paz, eu quero ação  
Para o problema imploro solução  
Eu sou a força da comunhão

Já chorei pela minha nação  
Ainda choro pelo meu irmão  
Que suplica por um pedaço de pão

Ando de coração amarrotado  
Sofri tanto, meu coração entristeceu-se  
Em lágrimas minha alma volveu-se  
Vivo pasmado  
Sempre triste  
Meu coração insiste  
Pelo meu povo  
Que espera pelo mundo novo

Mundo esse sem fome  
Onde o amor vai se chamar pelo próprio nome  
Eu sou a cor da Guiné  
Minha alma é Gumbé  
Sou retalho de sons

Dos bons  
Eu sou toque dos balafons...

Ah! Hoje sou toque de tambor  
Anunciando guineendade  
*Paké i hora di mandjuandadi*  
*Pa Guiné bai ronka si badjudandadi*

Eu sou vendedor de utopias  
Já não há espaço para distopias  
Já não vou choramingar  
Vou cantar...  
Através do meu canto a esperança levar

Vou anunciando o impossível  
E transformá-lo em possível  
Pois o mundo muda a cada gesto que dou  
Já sei quem sou.  
“Sou aquele por quem se espera”...  
Vendedor de sonhos

Meu povo precisa sonhar...  
Acordar...  
E realizar...

Eugenio Nunes Correia



## Sedu Guineensi

I sinti orgulho des pais  
Ku manda kada unson di nos  
Tem ku pensa si rais  
Pa kumpri si mison

No tem ku djunta no mon  
Na um pensamentu dentru di no korson  
Pabia anos i unson  
Nhor Deus tisinu e nason  
Pa kada kim pudi da si kinhon  
Fidjus di bom djorson  
Kontribuison sta na no mon  
Es tera kana kumpu pa strandjeru  
Pabia eka mas nos djiru

Ma no diskuda na kil um kunfison  
Nin tempu ka tem pa sumia fison  
No rabida nona vira vira Sim direson  
Ala i tisinu tenson  
Pabia futserus djanfanu morança  
E kalantanu no speranza.

Sedu Guineensi  
I limpa Mama Guiné lagriamas  
Pa tira mininus djighans  
Pa firbinti padidas madronha  
Pa mata sedi di lante-ndans ku binin-ndans  
Pa Mama Guiné pudi dadu si balur.

## **Guiné-Bissau**

Terra dos guinéus  
De corações alegres  
Das florestas  
Dos mares  
Das chuvas

País que de Boé floresceu  
Pois o suor venceu  
Depois que amargura bateu  
O assaltante de longe perdeu  
Restou o chapéu

O assaltante de perto usou  
O povo prostrou  
Do seu filho lacrimou  
Pois, o ódio reinou  
O sol  
A lua  
As estrelas

A escuridão se firmou  
O destino frustrou  
A banda rasgou  
A esperança quase escapou

Jovens  
Não mergulhem nos seus legados venenosos  
Sejam discernidos  
Lutem para o ressurgimento daquilo que vocês são a força motora...

## **Firkidja di no Kampada**

Alicerce da nossa casa!

Tu és Andorinha que voa sem descansar  
Tu és a chuva da pedra que bate nos corações  
Com tua voz treme as criaturas vivas  
E ressuscita as mortas!  
Firkidja di no campada!

Durante à noite os teus sentidos viajam  
Os teus olhos abertos  
Assistindo e escutando clamores do teu povo  
Um povo ainda no deserto  
Deserto que nem parece o certo Firkidja di no campada!

Com a catana e enxada na mão  
Sem almoço, partindo para o campo  
Debaixo do sol e feridas  
Cuidando sempre das tuas frutas  
Frutas cultivadas na tua campada  
Firkidja di no campada!

Aqui está bambaram  
Aquela com a qual tu seguras na tua costa o teu sonho  
És a água de vida para aquelas lindas crianças  
Crianças daquela terra sofredora e vitoriosa, terra dos teus avos!  
Firkidja di no campada!

De longe tu gritas  
Gritos que mesmo o pacífico escuta

O atlântico silencia  
Pois, tu que falas  
És o encanto que acorda o verão  
E para as nuvens  
Firkidja di no campada!

Viveu ontem  
Vive hoje  
Embora, amanhã o tempo te convide  
Contudo o mundo não apage  
Firkidja di no campada!  
Firkidja di no campada!

Yanique Nanque

## **Avante Juventude**

Olheiros dos nossos lares  
Arguidores dos nossos destinos  
Vanguardas da nossa muralha destruída  
Apreciadores de um futuro próspero  
Pacificadores dos conflitos crônicos

Germinadores da verdadeira palavra paz  
O diálogo entre eles será mais precioso de que ouro  
Onde os seus corações vão compreender mesquinhos dos pobres  
Eles que vão espalhar sorriso entre guineenses  
Ar de saber fazer incorpora os seus pensamentos positivos

Salv guarda de uma nação que a sua lágrima brota pela terra  
Vontade de mudar prevalece dentro do seu interior  
Brilho do sol fortalece de desmatar corrupção que sucumbiu dentro de ti  
Esperança de encontrar grito de luz no fundo de túnel  
A sua voz da luta será lembrada ao noitecer da esperança em ti

Por mais que trovada da incerteza seja imaginário dos guineenses  
Para ela tudo vai passar quando seus ombros compreenderem palavra  
união  
Juventude alicerce de uma pátria cicatrizada  
Cujo destino entregue ao pássaro clandestino  
Sem explicações cabíveis...

Fatumata Djarai Baldé

**U n i l a b**

## **Unilab**

Sou a Unilab  
Mãe da diversidade cultural,  
Da integração internacional  
De mim se aumenta a consciência  
Se procura a inteligência  
Para dar a sabedoria  
E expulsar a ignorância

Tenho prazer de abraçar os alunos  
E libertá-los das dúvidas  
As que caiem lá do Céu  
O que não pode ser dito  
Manuseia os livros e revistas  
Encontra o que é dito  
Que existe as coisas sonhadas

Para quem tem todo o prazer  
De ler, escrever, imaginar  
E facilitar proeza do futuro,  
Das nossas vidas palpitadas,  
Iluminadas pelas imagens de oiro

Angola, Cabo-Verde, Guiné-Bissau, Moçambique,  
São Tomé, Timor, Brasil cadê Portugal?  
Vamos penetrar e criar força do destino  
Que nos traz UNILAB.

Domingos Malú Quadé

## **Se não for estuprador é assediador**

Na minha palhota recheada de boatos, sem evidência  
Tudo é baseado na explicação de vítima sem ouvir o suposto...  
Informação alheia acompanhada de ódio sem retrocesso  
Grito da falsidade perante amizade de hipocrisia  
Os olhos chamam integração, enquanto nos oferecem camisola de  
estuprador

Na minha palhota, nem consigo amamentar minha alma com sossego  
Assédio transformou-se numa música com melodia de estuprador  
O hino que sai das suas bocas, UNILAB é responsável  
Com interesse oculto, sustentando explicação viciada  
Pela dor do privilégio de outro, que incomoda, os pássaros  
Com máscara de integração, enquanto é desintegração

Na minha palhota, cada noite se fomenta algo inconveniente  
Lá existe silêncio de um caso, enquanto outro não  
Onde quem fala primeiro já é incorporado a razão  
Enquanto princípio de presunção de inocência é ignorado,  
sem ter explicações cabíveis  
Enquanto ódios nos corações fazem barulhos como dança de forró.

Mamadu Nanque



## Nos palmares - 4

Na madrugada de cansaço, lá eles chegaram, “OS MARACANÃS”

Os benvindos começaram a gritar o estranhamento, o estranhamento que silencia a nossa conformidade. Os maracanãs são marcados com pulseira de plástico na mão, que simboliza o prisioneiro da casa. Nos palmares 4, os maracanãs começaram a cantar a beleza do Brasil, os homens e as mulheres começaram a fazer juramento aos encontros dos novos candidatos. É no palmares 4 que os maracanãs são convidados pelos candidatos sedutores, candidatos sem canetas e folhas, candidatos de “*kafumbam*”

Nos palmares 4, os maracanãs são inocentes da verdade da mentira, verdade de curto tempo, verdade da vergonha nacional.

No maracanã, os homens gostam de assistir palestras e as mulheres gostam de ir com os candidatos para supermercado e para farmácia. No segredo da especulação, os maracanãs descobriram a verdade da mentira. Nos palmares 4 sempre haverá padrinhos e madrinhas que vão dar o afilhado presente.

Os maracanãs não sabem falar a nossa língua, língua que todos falam na aldeia.

Os maracanãs sempre andam em grupo, como hospedes da casa, eles são brincalhões de tabanca.

Os maracanãs sempre são cegos e surdos de ouvir as histórias dos palestrantes da rua.

Nos palmares 4, alguns conseguiram pegar aquelas cegas, porque a madrinha e padrinho sempre as convidavam para o jantar de gala.

Emilio Júnior

**L i b e r d a d e**

## A liberdade

A liberdade está no amor,  
Quando choro de alegria  
Alegria está nos beijos,  
Quando tomo copo da liberdade

A liberdade estava na alegria,  
Quando todos brincavam  
E a respiração nascia

A liberdade está no relógio,  
Quando toca o tempo  
E a chuva cai

A liberdade está no sol,  
Quando nasce e se vê

A liberdade está nas nuvens,  
Quando chove todos os dias,  
As ervas nascem e riem  
E as nuvens escurecem.

Domingos Malú Quadé

**Canto à terra e ao  
poder sobrenatural**

## Mãe

A nossa terra a nossa *firkidja*  
Terra minha, Terra nossa,  
Terra mãe, musa amorosa, linda encantadora que transborda rosa!  
Reluzida pelo sol, agraciada pelas estrelas  
que singelos olhares aceleram  
ao relevo os corações elevam.  
Terra minha,  
Terra nossa,  
lavada pelo derramamento que chove,  
pelas correntezas dos rios que rebolam,  
pelo atormento dos oceanos que veem e vão.  
Terra nossa,  
erguida pelos montes,  
Soprada pela brisa que perpassa os hemisférios,  
É você terra, a nossa *firkidja*  
Mãe solteira  
que amamenta 7 bilhões de filh@s.  
Mas é você mãe,  
infelizmente, alegre entristecida  
pelos filhos de mentes perdidas,  
que do seu sorriso fizeram pranto de sangue,  
no seu doce coração detonaram o fel amargurado,  
que ofuscaram o deslumbramento da sua face!  
Filhos que ousaram cortar o cabelo seu,  
fabricar a seca e desferir a glote dos inocentes,  
mas é você, nossa terra, nossa mãe,  
ainda é você  
a nossa *firkidja*,  
de sorriso híbrido,  
ainda mortos nos acolhe.  
*Firkidja garandi.*

## **Flor do sol**

Em ti

Silêncio mórbido

Banha o olhar triste

De uma lembrança feixe de amarguras

Que fermenta a alma inundada de veemência

Fora de mil checape de amor

Debaixo de chuvaradas

Noites e dias de pedras

Firme sempre numa porção carbúnculo

De interpretar som das nuvens e sombra do deserto

Em ti

Esse deserto enche de sorriso verde

O desespero venera sua resistência

A mortalidade respeita sua nascença

Escuridão desaparece com sua divindade

Os pastros segregam líquido pela sua tristeza

Os Adãos procuram nas Evas toda sua pureza

Os rocheados acudam-te com um abraço feito de consolo

Passado vai-se taciturnar na sua presença ...

Augusto Felix Gomes

**Um instrumento  
poderoso**

### **O que me vem n'alma**

É essa calma  
Que encontro na tua chama  
Quando te escuto me envolvo neste drama

Essa sua fama  
Consome e chama  
Corações à sua praia  
Faz escutar a alcateia

Porém nado em ti tranquilamente  
Pois, só júbilo traz a minha mente  
Quero nadar em ti constantemente  
És o que eu preciso, és o passaporte

A chave da utopia  
És ritmo, harmonia e melodia  
És tu poesia  
A cor da alegria.

Eugênio Nunes Correia



## Quero escrever para não esquecer

Empresta-me uma caneta!

Dá-me uma folha!

Eu quero escrever

Quero escrever poesia para expressar meus sentimentos

De modo a deixar escrito meus pensamentos para a geração vindoura

Quero escrever

Quero escrever textos dissertativos para criticar sistemas caducados de governação do meu país

Para dar a minha nobre contribuição em críticas e soluções que, segundo eu, são viáveis.

Quero escrever

Quero escrever contos para te contar que nasci num país de sul rico em conhecimentos tradicionais, mas que foram abandonados em face ao desenvolvimento do Norte.

Quero escrever

Quero escrever textos jornalísticos para te informar que ainda hoje temos Amílcar Cabral,

Kwame N'krumah, Agostinho Neto e outros.

Mas que não têm oportunidades de demonstrar seus saberes devido ao mau espírito dos que lá estão.

Quero escrever romances para te falar do meu amor que tenho pelos meus pais e ao meu país, e ainda para te contar que amei, chorei e lagrimei por uma menina linda que roubou meu coração e ainda furtou meus pensamentos.

Quero escrever

Quero escrever fábulas nos quais vou narrando histórias dos nossos maus governantes trazendo-lhes em personagens, *suma lubu ku lebre*.

Quero escrever

Quero escrever um Apólogo em que tratarei dos objetos roubados nas instituições do Estado e, sobretudo, na presidência da República e no parlamento do meu País.

Enfim...

Eu quero escrever sobre a situação da mamã Guiné, da minha família, da minha vida e, sobretudo, dos assuntos que abalam meu coração.

Quero escrever;

Quero escrever...

Umaro Seidi

**C o m p l e x i d a d e  
d o “ e u ”**

## **Pensamentos de um louco**

Já pensei em coisas pensáveis, pois, não reveláveis  
Falo comigo mesmo sobre as loucuras, as loucuras  
Que não posso falar só pensar, as loucuras  
Que nem os psiquiatras podem encontrar a cura.

Já pensei em abraçar a negra nua ou andar pelado pela rua,  
Experimentar a verdadeira liberdade de externar o meu eu,  
Eu que o mundo nunca conheceu. Já pensei em não pensar  
Em o que eu penso porque não é o que o mundo quer ver  
Nem ouvir o mundo não quer saber do meu íntimo.

Mas essência da loucura jamais pode ser exibida ou  
O hospício vai tornar, será um vício de palavras  
Repetidas, entendidas e desentendidas sem nenhum  
Louco da sanidade para ouvir

Culpa dos meus pensamentos, mas se os pensamentos  
É que tornam a pessoa louca. A sanidade é que deve  
Ser louca por exhibir quem não somos e nunca seremos.

Se eu falasse tudo que eu penso, se pudéssemos falar tudo  
Que pensamos? O louco seria aquele que não falasse.  
Sou sã para que ninguém saiba e louco para fazer isso.

Joel da Silva

## **Rebeldia**

Já sofri tanto na alma  
Que agora não sinto mais  
nada na carne.

Joel da Silva

**I l u s ã o**

## **Nasceu um dia**

Um dia nasceu  
Tem crescido em vários dias  
Rindo demasiado de graça  
Oferecendo e recebendo em massa  
Abraçando e sentindo tudo boa  
Esquecendo e fingindo esquecer por nada  
Querendo e continua querendo o mel  
Alegrando e palpando o anel  
E quando a oeste se vira leste  
Quando a terra enche que o mar  
Gritos de vedar, despedida sem pasmar  
Embora assim, o coração chore!  
Bem merecido o nome em cima da água sagrada.

Luizinho Jorge Cá

# **G r a t i d ã o**



## **Obrigado!**

Obrigado!

Obrigado, porque com os teus ombros possui olhos de água

E consigo andar *na tchon seku kinti uit di disertu.*

*Sin utru, utru i ka utru, utru kuta fasi utru sedu utru.*

Obrigado!

*Si nsedu alquin i pabia alquin fasin pa nsedu alquin,*

*Si alquin fasin pa sedu alquin, pabia ku na fala nka prisisa di alquin,*

*Suma si kontra, i ka alquin ku fasi nsedu alquin?*

Obriagado!

*Alquin fasin pa sedu alquin,*

*Obrigado!*

*NPrecisa di alquin, ndibidi kuida di alquin!*

Joselino Guimarães

## **Bibliografia dos/as autores/as**

### **Afonso José Mendes**

Nasceu no dia 09 de outubro de 1990, no setor de Canchungo, região de Cacheu, Norte da Guiné-Bissau. É Bacharelado em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, (UNILAB). Atualmente, licenciando em pedagogia na mesma universidade.

### **Anéximandra da Silva**

É bacharelada em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). No momento, está em andamento a sua licenciatura em Sociologia na mesma universidade. Nasceu em Bissau, capital da Guiné-Bissau, no dia 19 de dezembro de 1995.

### **Anilsa Lima Almeida**

Graduou-se em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Nasceu em 16 de setembro de 1992, em Bissau. Atualmente, é licencianda em História na mesma universidade.

### **Augusto Felix Gomes**

Nascido no dia 22 de dezembro de 1995, em Bissau (Guiné Bissau), é técnico formado pelo SENAI GUINÉ BISSAU-BRASIL na área de eletricidade predial. Atualmente é graduando em Engenharia de Energias pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

### **Djibril Cá**

Graduado em Humanidades na universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB); licenciando em Sociologia na mesma instituição. É bolsista de Programa Institucional de bolsa de Iniciação à Docência-PIBID. Nasceu em Prabis, região de Biombo, República da Guiné-Bissau, no dia 01 de janeiro de 1990.

### **Domingos Malú Quadé**

Natural de Quinhamel, Região de Biombo, norte da Guiné-Bissau, nascido no dia 31 de dezembro 1989. Bacharel em Administração Pública pelo Instituto Politécnica São João Bosco, Guiné-Bissau em 2009. Licenciado em Ciências da Natureza e Matemática na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB).

### **Elizandro Fernandinho Có**

Nasceu em Pecixe, região de Cacheu, Norte da Guiné-Bissau, no dia 23 de outubro de 1998. É graduando em Humanidades na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

### **Eugênio Nunes Correia**

Licenciando em Letras/língua-portuguesa, pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), nascido em Bissau (Guiné Bissau) no dia 23 de outubro de 1996.

### **Fatumata Djarai Baldé**

Bacharelanda em Humanidades na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Nasceu aos 07 dias de março de 1995, na região de Tombali, sector de Quebo, República da Guiné-Bissau.

### **Jamiro Paulo Sanca**

É graduado em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e licenciando em Sociologia na mesma Instituição. Nasceu no dia 23 de maio de 1988, em Tite, Região de Quinara, Sul da Guiné-Bissau.

### **Jeremias Demba**

Licenciado em Letras Língua-Portuguesa, pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), nascido no dia 29 de maio 1995 em Bissau (Guiné Bissau).

### **Juel Da Silva**

Nasceu em Bissau (Guiné Bissau) no dia 21 de agosto de 1986; graduado em Administração Pública pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

### **Joselino Guimarães**

Nascido no dia 20 de maio de 1988, é natural de Biombo, Norte da Guiné-Bissau. Filho de Roberto Guimarães e de Maria Odete Gomes Ié Da Silva. Licenciado em Letras-Língua portuguesa pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

### **Justino Gomes**

Natural de São-Domingos, região de Cacheu, Norte da Guiné-Bissau, nasceu 14 de outubro de 1992. Concluiu curso médio em administração, no Centro de Formação Técnico Profissional São Leonardo Murialdo em 2013; Graduado em Humanidades e licenciando em Sociologia na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

### **Liliane Alice Pereira Manso Resende Costa**

Está em andamento a sua Graduação em Engenharia de Energias na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Ela é natural de Bissau, República da Guiné-Bissau. Nasceu no dia 27 de março de 1994.

### **Lucas Jaime Indi**

Formado em Humanidades pela universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e licenciando na sociologia na mesma universidade. Nasceu em Quinhamel, região de Biombo, Norte da Guiné-Bissau, no dia 18 de Julho de 1993.

### **Luizinho Jorge Cá**

Nascido em Blimblim, sector de Biombo região de Biombo, no dia 14 de dezembro de 1993. Graduado em Humanidades e licenciando em Sociologia na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

### **Mamadu Nanque**

Bacharelado em Humanidades pela universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e licenciando em História na mesma universidade. Nasceu em Bissau, no dia 27 de maio de 1988.

### **Mariama Cassamá**

Nasceu no sector autónomo de Bissau, Norte da República da Guiné-Bissau, aos 17 dias de janeiro de 1997. É graduada em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e licencianda em Pedagogia na mesma universidade.

### **Moisés Domingos Correia**

É da nacionalidade guineense. Nasceu no Sector Autônomo de Bissau, no dia 15 de dezembro de 1997. Fez o curso de aperfeiçoamento em Língua Portuguesa pelo Grupo de Professores de Língua Portuguesa-AJALV; Graduado em Humanidades e licenciando em Sociologia pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

### **Ricardino Jacinto Dumas Teixeira**

Docente da UNILAB e pesquisador junto ao Council for the Development of Social Science Research in Africa (CODESRIA), em Dacar; ao Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas, na Guiné-Bissau (INEP); ao Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto (CEAUP), em Portugal.

### **Samuel Adelino Ié**

Licenciando em Pedagogia na universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) Graduou-se em Humanidades pela mesma instituição. Nasceu em Bissorã, região de Oio, Norte da Guiné-Bissau, no dia 18 de fevereiro de 1990.

### **Tejù Ducanda**

Nasceu em Bissau, capital da Guiné-Bissau, no dia 14 de outubro de 1996. Bacharelada em Administração Pública pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

### **Umaro Seidi**

Estudante de Humanidades na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). É natural de Bissau, Norte da República da Guiné-Bissau, nasceu aos 17 dias de fevereiro de 1993.

### **Valeriano Djú**

Terminou o Curso Médio de Contabilidade e Gestão pela Escola Nacional de Administração (ENA), Guiné-Bissau. Bacharel em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-UNILAB; Licenciando em Sociologia pela mesma instituição. Nasceu aos 26 de agosto de 1989, em Safim, região de Biombo, Norte da Guiné-Bissau.

### **Wilma João Nancassa Quadé**

É natural de Bissau, Republica da Guiné-Bissau. Nasceu no dia 24 de setembro de 1995. Graduada em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Atualmente, está em curso a licenciatura em Sociologia na mesma instituição.

### **Yanique Nanque**

Nascido em Guiné-Bissau, na região de Biombo, secção de Bijimita e sector de Quinhamel aos 28 de fevereiro do ano de 1995. Graduando em Humanidades pela Universidade da integração internacional da lusofonia Afro-brasileira (UNILAB).